

1789.

Memorias de Sushitula

P<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> - 2<sup>o</sup> & 4<sup>o</sup>

1849.

LIBRARY

UNIVERSITY OF CALIFORNIA

LIBRARY

LIBRARY

LIBRARY

LIBRARY

# MEMORIAS

DO

## INSTITUTO DA ACADEMIA DRAMATICA

DE

# COIMBRA.

---

Numero primeiro.

---

COIMBRA,  
IMPRESA DE E. TROVÃO;

1849;



LIBRERIA

18

ISTITUTO DI SCIENZE LETTERE E ARTI

COLLEZIONE

LIBRERIA

COLLEZIONE

LIBRERIA



1840

## INTRODUÇÃO.

Hoje, que a imprensa se encarregou de dar publicidade a todos os factos, vulgarisar todas as opiniões, e discutir todos os assumptos, constituindo-se o registro universal da epocha presente; — hoje, uma associação litteraria, que escondesse os seus trabalhos nas quatro paredes de um salão, e se esquivasse a dar as contas, que de direito todas as illustrações devem ao publico, pelo orgam da imprensa, seria uma commuidade anachronica, e o reflexo ephemero do egoismo d'outras eras. Hoje, que no mundo civilisado todos os homens, e todas as classes, com mais ou menos extensão, são chamados ao gozo de direitos e cargos importantes na sociedade civil; hoje um dos primeiros deveres do homem é a illustração, e a mais sagrada missão das associações de letras é o derramamento das luzes.

Já por mais de uma vez este Instituto tem dado as devidas contas dos seus actos, e derramado quanto em si cabia o cabedal dos seus conhecimentos. Hoje, porém, que uma reforma recente nos Estatutos deu mais amplitude aos seus trabalhos, e mais vigor e estabilidade á sua existencia, constituindo-o a parte principal de uma associação, garantida pelas leis; mais estreitos são os laços, que o prendem á universal civilisação, e mais larga por tanto a sua brilhante missão de illustrar.

Em quanto não podemos levar ao cabo a continuação de nossas publicações periodicas, que as luctas civis vieram interromper em 1846, e a que de novo metteremos hombros no principio do proximo anno lectivo; seja-nos permittido dar começo a estas nossas Memorias, que serão o registro dos principaes trabalhos litterarios d'este Instituto, e que continuaremos a publicar irregularmente, sem embargo de qualquer outro nosso escripto periodico.

Um dos principaes deveres, que os presentes Estatutos impõe aos Membros e Sócios desta corporação, é honrar a memoria dos Socios finados com um discurso, em seu elogio, recitado em sessão solenne. Coube no corrente anno este funebre myster aos Srs. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu, e Francisco de Castro Freyre, em obsequio dos Srs. Henrique José de Castro, e Francisco Antonio de Mello, dois ornamentos d'este Instituto, que a morte ceifou durante a interrupção recente de nossos trabalhos. Estes dois discursos formam o N.º 1.º destas Memorias. Nós iremos publicando nos N.ºs seguintes algumas peças de litteratura, que nos parecerem mais proprias d'este genero de publicação; os melhores trechos de poesia lirica, que se recitarem nas nossas sessões, ou no nosso Theatro, e os mais discursos funebres, que se forem recitando, em honra dos dignos Socios finados, os Srs. — Cardinal Patriarcha Saraiva, Silvestre Pinheiro, Moazinho de Albuquerque, — e os mais, que a morte nos tem roubado.

Possa o nosso trabalho fructificar entre os amigos das letras, e bem merecer do publico.

Coimbra 20 de Maio de 1849.

Hoy, que a nosotros se entregan de las bibliotecas de todos los países... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos...

La por más de una vez se ha visto con dolor... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos...

En cuanto a nosotros, que en estos días... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos...

Los dos principales motivos, que en primer lugar... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos...

Para un nuevo estudio de la historia... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos... que se dedican a sus trabajos...

# ELOGIO HISTORICO

DO

SOCIO DO INSTITUTO DA ACADEMIA DRAMATICA

*Henrique José de Castro.*

RECITADO

NA SESSÃO SOLEMNE DO 1.º D'ABRIL DE 1849

PELO SOCIO

*Antonio Joaquim Peibeiro Gomes d'Abreu.*

Extinctum . . . . crudeli funere . . . .  
..... flebant.

VIRG.

SENHORES:

Tres annos ha, que como hoje nos reunimos neste logar, enrolada trazendo e pendida a nossa bandeira de certames literarios e artisticos, e em logar do arnez de combatentes vestindo o crepe de lucto.

Então como hoje era para nós chegado um dia de paz melancholica o triste, um dia tão solemne para os filhos da civilisação moderna, como o dia das vinganças para os livres filhos das selvas, que contaram suas fileiras, e acharam de menos um guerreiro valente, morto no campo da peleja.

Vindos somos pois, como elles, a vingar do esquecimento a memoria do nosso irmão.

Mas em vez da fogueira, que la se ergue ameaçadora, para devorar as pobres victimas, collidas no campo da batalha, temos nós aqui, dentro do peito, um fogo mais sagrado, — o fogo da nossa dor. —

Em vez de sangue de victimas, sacrificadas á memoria do que jaz no reino das sombras, temos lagrymas, e lagrymas não mentidas, que são sempre nobres, quando cahem sobre o pó do tumulo.

E já que ha perto de um seculo — tão revolta e agitada corre a vida das nações, depois de seculos de torpor e fraquesa, que as virtudes singelas passam todas ignoradas, e no livro dos povos não ha sequer uma pagina para nella se gravarem nomes, os quaes deveram de ser o orgulho da humanidade! Já que todas as paginas desse livro transformaram-nas em padrões de vaidosas glorias a lisonja, e paixões mesquinhas do seculo; e em vão la procuraríeis gravados outros nomes, que não fossem dos que a si mesmos se proclamaram — os destinados pela Providencia para guiar, impellir, ou represar a torrente grandiosa dos successos; seja-nos ao menos permitido, a nós que vivemos longe desse remoinho dos povos, archivar nas memorias do Instituto da Academia Dramatica um dos nomes, que não pôde ser avaliado pelo commum dos homens.

Os astros, que como aziago cometa appareceram brilhando nos ceus, e derramando o terror pelas gentes, nem os adoramos no zenith, nem os amaldiçoaremos no occaso. O rasto de fogo, que deixaram apos si, na sua vasta carreira, sal-os-ha sempre lembrados á memoria dos homens.

Mas o pequeno meteoro, que scintillou como relampago, e mal apparecera no horizonte, cabiu nas trevas da morte, . . . oh! esse, que poucos olhos puderam ver, porque demasiado curta foi a sua vida; que não deixou vestigios de sua passagem, porque o fogo das verdadeiras virtudes não cresta as flores da innocencia; esse quem o hade lembrar ao mundo, se o esquecer o amor de irmãos, se o esquecer a amizade?

Quem ha de ir ajoelhar-se ante a cruz do cemiterio; apanhar as petalas já emmurchecidas da rosa dos amores, desfolhada pelo vento do deserto; hafejal-as docemente; beijal-as, como outrora a brisa das esperanças; e ler nellas, e interpretar esses sonhos de feliciteiras illusões, que se desvaneceram como as cores do iris ao submergir-se o sol no horizonte?

Será somente a fria aragem da noite, que va soltar seus gemidos nos campos da morte, e pedir ao céu as lagrymas da madrugada para as derramar sobre o tumulo?

Não senhores: mui outro foi de certo o vosso pensamento quando permittistes, que uma voz timida e debil se erguesse hoje em vossa presença, a pedir-vos uma lagryma de saudade, para em vosso nome a offerecer á memoria do nosso distincto Socio *Henrique José de Castro*, fallecido em terra de estrangeiros.

Essa voz é a do homem, que para ministro se offereceu deste sacrificio doloroso.

Escutai-a com indulgencia, Senhores, porque ella não é senão a voz da amizade, que no extremo das maguas procura a derradeira consolação.

Quando o espirito philosophico, ebrio de sua victoria sobre os prejuizos dos seculos passados, tentou arrastar o coração do homem preso ao seu carro de triumpho, estendeu para elle o braço de fogo, e quiz de todo queimar-lhe a viçosa flor do sentimento, em cujo calix deposera a natureza o mais doce nectar da vida.

— A patria do homem sabio, exclamou elle no delirio do seu orgulho, é o mundo inteiro!

E que significa então aquella palavra magica, que subindo do coração aos labios, faz estalar, e cabir por terra as cadeas dos povos opprimidos?

Que vem a ser aquella recordação tão suave, que na tenebrosa noite do exilio brilha para o pobre proscripto, como pharol bem sadado para o navegante perdido?

O Christão é sem duvida cidadão de toda a terra, porque onde quer que exista um homem, la existe para elle um irmão. Mas ai daquelle, cujo coração não palpitou ao ouvir o nome da terra, onde nasceu; e que não estremeceu de horror, quando bocca impura lhe cuspiu sobre seu berço a affronta! Esse nem tem coração de homem, nem virtudes de Christão; esse de certo não tem patria nobre, porque os filhos de nobre patria, nobres e fidalgos são sempre.

Que importa haver nascido sob tectos doirados, se esses tectos se ergueram aos gemidos de pobres orphãos, que morriam do fome?

Que importa haver visto a primeira luz atravez de janellas de soberbo palacio, se esse palacio está cimentado no lodo da infamia, onde calcadas foram aos pés muitas lagrymas de infelizes pelo improvisado nobre, como tantos desta nossa idade, que nem se quer podem apontar para a effigie de um de seus antepassados, como fonte, aonde os descendentes vão beber lições de virtude?

Que importa haver sido embalado ao abrigo de mimosas cortinas, se os hymnos, que acalentavam o vagido da infancia, eram hymnos de opprobrio, eram canticos de escravos?

Com quanto maior razão devêra de vangloriar-se de seu nascimento, aquelle que desde a primeira aurora de seus dias pôde fitar os olhos nos céus, e ler essa pagina immensa, onde o dedo de Deus escreveu, a pós seu nome incomprehensivel, a alta origem do homem! Que baixou depois os olhos para a terra, e pôde ainda sentir a passagem do Creador, deixando a pos si estendido sobre a face do globo o seu manto de verdura, todo recamado de flores?

Com quanta maior gloria devêra recordar o seu berço, aquelle que dormiu os primeiros somnos da innocencia ao som de canções populares, tão ricas de poesia, como de exemplos de virtude! Que viu desde logo a seus pés o oceano encapellado donando as furias para vir humilde no dorso da arca beijar a orla do manto do Creador, ensinando assim o homem livre a não se humilhar, nem abater-se, senão na presença do Omnipotente!

Nobresa, como esta, pesar-me-hia talvez, se não a possuísse o homem, a quem amei como irmão. Tete-a porem elle; que a bella cidade de *S. José do Porto Alegre* lhe foi berço, onde, nascendo do pais virtuosos e honestos, viu a primeira luz aos 9 de Maio de 1819.

Do alto daquella atalaia, que campêa soberba á borda do oceano; sob aquelle céu tão sereno e magestoso, onde em noites de estio tantas vezes leu — não descreas —; face a face das ondas, que lhe gritavam — sê livre —; á sombra daquellas selvas virgens, que sussurravam — amor —; ao som daquellas brisas suaves, que murmuravam — saudade —; ao sorrir daquellas varzeas tão mcigas, daquellas chacaras mimosas, que no pendor de seu regaço lhe offereciam reponso; á vista daquella mão gigante, com que as aguas do *Rio Grande* parecem querer estreitar ainda mais os laços de amizade entre o oceano, e a hemaventurada terra do *Brazil*; bebeu elle essas sublimes inspirações, as quaes o tornaram tão profundo nos pensamentos, forte em suas crenças, extremoso no seu amor, leal sempre nas amizades, — o modelo emfim do homem prebo, digno da affeição de quantos o conhecem.

Quando foi chegado o tempo de ministrar ao espirito o alimento solido, que a idade pedia, mas *Porto Alegre* não podia offerecer-lhe, seu pai, *Antonio José de Castro Guimarães*, que dos bens da fortuna possuia mais que os sufficientes para dar ao unico filho, ao herdeiro de suas virtudes uma educação primorosa, lançou os olhos para o velho mundo.

N'uma parte offerecia-se-lhe á vista a capital da civilisação, e do progresso, onde a educação adorna o homem com um prestigio só exterior, que se nem sempre é signal do merito intrinseco, serve todavia de conciliar a

est'ima do commum social, cuja pedra de toque por polida, ou gasta de mãos, não presta para distinguir o ouro maciço do bronze galvanizado.

Noutra parte estava porém ainda em pé, apesar de mesquinhoês nive-  
ladores, de pigmens da civilisação, a velha Universidade Portugueza, ro-  
deada do antigo esplendor, que a fizera celebre entre as mais celebres  
da Europa.

D'acólá chamava pelo joven talento o brilho apparatuso das sciencias,  
o luxo das artes, a magnificencia dos estabelecimentos publicos, a pompa  
dos espectáculos — tudo enfim quanto pôde fascinar o espirito da mocidade.

Daquí apenas lhe acenava a imagem da patria de seus avós; não erguida,  
como outrora, e estendendo um dos braços até o *Indio e o Ganges*, e outro  
até o *Amazonas e Rio Grande do Sul*; mas curvada sobre o mutilado pedes-  
tal d'antigas glorias, e envolta na rota bandeira, que outrora campeou  
sobranceira a todas as bandeiras do mundo, quando o genio portuguez  
ensinava a humanidade a affrontar o horror da procella, e a domar as furias  
dos mares.

Brasileiro de boa raça, não hesitou na escolha. Preferiu a patria de seus  
maiores, porque nas veas lhe girava ainda o sangue dos filios de Portugal.

Em peitos taes, que felizmente constituem a maior parte do imperio,  
levantado além do Atlantico pelo braço da Providencia, para talvez guardar  
intacto no futuro o deposito dos costumes, lingua, e religião dos Portu-  
guezes, já que as loucuras e odios civis cavaram ante nós um abysmo, para  
onde nos leva arrastados a onda do corrupção moral, em peitos taes de  
certo, Senhores, não podia caber essa deshumana seda de sangue Portu-  
guez, á qual algumas pennas arrancadas sem duvida ao carez de Cannibaes,  
ainda há pouco chamaram sancto amor da patria!

Oh! quanto me apraz, que contemos entre os nossos socios, que veja-  
mos no meio de nós muitos dos jovens, a quem por seus talentos e virtudes  
será um dia confiada a sorte do *Brasil*. Possam elles então recordar-se, de que  
entre Portuguezes não houve um só coração, que os não amasse como irmãos,  
que não desejasse ver esquecidos antigos resentimentos, se por ventura  
existem, e a *Portugal* estendendo a mão para o *Brasil*, e procurando abra-  
ço, não com o abraço de mãe desnaturada, mas com o abraço de irmãos!

Veio pois *Henrique José de Castro* continuar a sua educação em Portu-  
gal, em cuja Universidade se matriculou no anno de 1838.

Testemunho de seus talentos ahí existe ainda recente na memoria dos  
que o viram todos os annos coroado pela Universidade com as primeiras dis-  
tincções academicas.

O tempo, que dos estudos regulares lhe sobrava, empregou-o sempre  
em se aperfeiçoar no conhecimento e exercicio das bellas artes, como a  
música, a pintura; e no das linguas assim as mortas, como as vivas, das  
quaes lhe eram familiares as principaes da Europa. O estudo da Portu-  
gubza cullivou-o elle sobre tudo por tal arte, que raras serão entre nós os  
mais lidos, os quaes possuam tanto e tão profundo conhecimento assim  
dos classicos Portuguezes, como da lingua de *Camões*.

Terminados aqui os seus estudos pelo acto de formatura em medicina,  
resolven ir aperfeiçoal-os ainda mais na formosa cidade de seus sonhos, que  
em seu coração não achara rival, se fora ella o berço de seus maiores.

No verão de 1845 disse o extremo adeus ás margens do Mondego, co-

lhen e uniu ao peito a meiga flor da saudade, que tão venenosos espinhos levava occultos no disco, e partiu para *Paris*, tendo primeiro visitado a soberba *Albion*.

Ao saudar a rainha da civilisação pareceu-lhe que lia no livro do futuro uma pagina de gloria para si, e para a sua patria. Era um sonho! um sonho de esperanza, que lhe occultava a letra fatal, onde estavam numerados seus dias.

Agora, Senhores, somos chegados ao amargurado capitulo de dores. Permitti que eu desdobre a ultima pagina da sua vida, escripta pela habil penna de um amigo, que na hora extrema a Providencia lhe deparou.

« Uma poderosa causa, diz elle, da explosão da molestia, que começára a minar-lhes os dias, foi sem duvida o zelo demasiado, com que durante o inverno se deu ao estudo da anatomia na *escola practica de Paris*.

Facil é de conceber que pernicioso influencia devia de exercer sobre uma constituição manifestamente fraca um estudo, que além de o expor a uma atmosphera miasmatica, o obrigava a demorar-se muitas horas n'uma casa sempre humida e tão fria, que por vezes quem nella se dá ao estudo de anatomia, ve-se obrigado a chegar ao fogo a peça, em que trabalha, para a fazer desgelar.

A instancia de seus amigos consultou tres medicos distinctos — Mrs. *Bouillaud*, *Chomel*, e *Louis*: mas apesar do aviso destes, continuou a ficar em *Paris*.

Quiz successivamente experimentar em si mesmo as virtudes tão recomendadas da *Hydrotherapia*, e *Homeopathia*; e quando emfim se desenganou, que só a mudança de clima lhe poderia prolongar os seus dias, era já tarde.

Podemos, não sem custo, tiral-o das mãos á nova medicina. Entrou na casa de saude de *Nicotheme*, ultima estação, que deveria fazer

Quantos cuidados podia receber longe dos seus, teve-os elle no melhor estabelecimento de *Paris* para molestias, como a sua.

E na falta de familia, teve amigos para os quaes era, além de dever, uma ultima consolação tornar-lhe menos duros os poucos dias, que o separavam da outra vida.

Felizmente a esperanza o não abandonou — o já mal podia fallar, o ainda não pensára se não nos meios de partir.

Ainda aos 30 annos custa a crer que se morre!

E quando por um vago receio sentiu faltar-lhe a vida, o lhe lembraram com saudade as maguas, que aos seus causaria, se viesse a morrer, as esperanças, com que todos o animamos, a affectação, que lhe mostramos do pouco cuidado, que nos dava a sua molestia, depressa dissiparam presentimentos, de que ainda os mais illudidos são assaltados, quando se aproxima a hora, que a razão ainda não pode ver, mas que o instincto já adivinha.

Poucos momentos antes de expirar levou por duas vezes a mão á testa, como se sentisse faltar-lhe a força de seguir um pensamento, — ou talvez porque um ultimo receio lhe veio ao despedir-se da terra.

Assim, apos uma longa agonia, de que por felicidade não pareceu ter consciencia; sem um gesto de terror, sem uma palavra de queixa, deixou de soffrer pelas 4 horas da manhã de 11 de Janeiro de 1847.

No dia 13, depois de ter sido embalsamado o cadaver do joven esperançoso, os poucos amigos que aqui tinha, cumpriram para com elle o

ultimo dever da amizade, <sup>of.</sup> acompanhando-o ao cemiterio de *Mont-morte*, onde está depositado, até que os seus o façam transportar ao *Brasil*.

Atéqui, Senhores, o que escreveu o amigo sincero, que lhe assistiu nos ultimos momentos.

Não mencionou elle, porque talvez a ignorasse, a, sem duvida, principal causa da rapida marcha de uma molestia, que pela maior parte não é nunca tão precipitada.

Essa causa foram aquelles venenosos espinhos, que no disco levava ocultos a flor da saudade; foi a magua profunda do peito, que se sentiu ferido pelos golpes da ingratidão; foi um mysterio de dor, que buscou o asylo do sepulcro entre as cinzas do finado.

O anjo da virtude cerrou os olhos para sempre, quando viu o seu eden de esperanças polluido pela serpente da traição.

Sua morte foi a morte do justo.

Amigos teve, que cumpriram o ultimo dever, acompanhando-o até o tumulo.

Nós cumprimos hoje o nosso, offerecendo á sua memoria uma lagryma de saudade.

E eu, Senhores, eu que privado de estreitar a meu peito o peito já frio do amigo muribundo, não pude receber nos labios o ultimo suspiro d'uma amizade como poucas, recolhi no coração um nome para mim de eterna memoria, e cumpri tambem hoje um dever, vindo aqui repetir-vos esse nome pela ultima vez com toda a solemnidade da dor.

# ELOGIO HISTORICO

DO

SOCIO DO INSTITUTO DA ACADEMIA DRAMATICA

*Francisco Antonio de Mello.*

RECITADO

NA SESSÃO SOLEMNE DO 1.º D'ABRIL DE 1849

PELO SOCIO

*F. C. F.*

Não extranhéis, Senhores, que nesta reunião solemne consagrada unicamente á commemoração dos nossos Socios finados, venha eu, para quem são desconhecidas as flores da eloquencia, occupar este logar, e não hesite — invocando os direitos, ou antes os deveres da amizade, — em pagar, em vosso nome, uma divida de saudade e lagrymas á memoria do nosso fallecido Socio o Sr. *Francisco Antonio de Mello.*

Não o extranhéis, Senhores. Tendo sido forçado pelos titulos sagrados da amizade a seguir até ao jazigo fúnebre o feretro deste nosso Consocio, um dos poucos amigos da infancia que a morte ainda me havia poupado: tendo sido forçado a dar a volta á chave fatal, que para sempre, cá na terra, me esconden, com os restos mortaes do amigo, um coração que chorava com as minhas maguas e que se comprazia com as minhas venturas; um coração onde palpitaram constantes os sentimentos da mais constante e nunca desmentida afeição: cumpria-me por isso tambem, lançar aqui hoje, primeiro que todos sobre o seu tumulo, e depois de regadas com as minhas lagrymas, as flores da saudade, que vós, pela maior parte manebos cheios de vida, trouxestes em tributo espontaneo a esta festa dos mortos.

Além disto, Senhores, sigo assim, como me é dado, numa nobre practica encetada nesta casa por occasião de se memorar a perda do primeiro dos nossos Socios, que a morte nos roubára (a); sigo uma practica que vós hoje acabaes de ver imitada pelo eloquente e digno Socio que me precedeu.

Sei que a minha voz é frouxa, e que mal poderá desenhur em quadro breve uma vida curta sim, mas abundantemente entretecida de virtudes e talentos; anima-me porém a esperanza de que a verdade dos traços, e a expressão sincera da minha dor, suprirão em parte este defeito.

(a) Allude-se ao Elogio historico do Socio o Sr. *João de Fozconcállos Pereira Coutinho de Mendonça Falcão*, recitado pelo Socio o Sr. *Manoel Maria da Silva Braschey*, e publicado no n.º 6 da Revista Academica.

No Reino do Algarve e na cidade de Tavira nasceu, aos 17 de Outubro de 1804, o nosso chorado Socio o Sr. Francisco Antonio de Mello, de paes não abastados em bens da fortuna, ricos, porém, de sentimentos christamente virtuosos e honrados. Ali, imbuído desde então, nestes sentimentos, — que plantados desveladamente em seu tenro coração se radicaram como em terreno próprio, e cresceram depois viçosos debaixo daquelle sol mais creador; a ponto de não vergarem nunca com as tempestades das paixões nem com as seducções dos máos exemplos, — passou o nosso Consocio a sua infancia até á idade dos onze annos, tendo concluído por esse tempo o estudo das primeiras letras, para o qual mostrou grande amor e inclinação.

Regressava por essa epocha das suas viagens scientificas, que por ordem do nosso Governo, fizera pelo interior da *França*, pela *Hollanda*, *Belgica* e *Italia*, seu Tio o Sr. *Manoel Pedro de Mello*, Lente de Mathematica nesta *Universidade*. Este homem extremamente amavel, este sabio distincto, do quem eu me ufano de ter sido Discipulo, e a quem devi, em memoria ás cinzas de meu Páe, amizade e protecção; — reunia á celebridade do seu nome, entre conterrancos e extranhos, como *Mathematico* abalizado, consummado *Filosofo*, habil e experiente *Engenheiro*, e *Literato profundo* — solida religião e todas as virtudes sociaes que della derivam; distinguindo-se entre estas as de bom parente e soccorredor de sua familia. Assim um dos seus primeiros cuidados, logo depois da sua volta, foi o de chamar para esta nossa *Cóimbra* e para junto de si, aquelle Sobrinho, que, na boa estrêa dos seus primeiros estudos, deu abonos de distincção para os estudos superiores e para as sciencias.

Estas esperanças não falharam; e ao passo que o nosso Socio ia percorrendo brillantemente o circulo dos estudos preparatorios, no tracto com o seu virtuoso Tio, e nos exemplos continuos que este lhe dava, fortificava-se nos bons e sãos principios da sua primeira educação, e adquiria essa urbanidade singela e affavel, que unida a muita bondade e grandeza d'alma, formaram depois aquelle seu character, pelo qual, apezar de um exterior melancolico e, á primeira vista, talvez pouco atractivo, elle se tornou summamente sympatico para todos os que o conheceram.

Hesitando entre o estudo das *Mathematicas*, para as quaes tinha reconhecida aptidão, e o de *Medicina*, decidiu-se por esta ultima sciencia. Longo porem e cheio d'angustias foi o periodo desta sua terceira epocha Literaria.

As idéas de reforma e liberdade que no anno de 1820 começaram a ser proclamadas no nosso paiz, acharam echo prompto e facil nos corações virgens dos mancebos que então frequentavam a nossa *Universidade*, e que, embalados nos sonhos de *Esparta* e *Roma*, e sem poderem avaliar ainda os muitos descontos que devem dar-se nas cousas humanas, levavam na força do seu enthusiasmo as theorias liberaes ás suas consequencias as mais exaggeradas. Assim a reacção, que estas idéas soffreram em 1823 devia encontrar muitos destes corações insoffridos, e como abafando debaixo d'idéas retrogradadas. Já então o nosso Portugal começava a ser victima dos odios e dissensões politicas, que, por mal nosso, o tem dilacerado tanto, e promettem, se Deus se não doe de nós, de o levar á sua ultima ruina, e de o riscar do numero das nações. Por occasião de uma festa academica em que se

celebravam as ultimas mudanças, commetteram-se imprudencias, e perpetrou-se um crime. Os rastos deste não se poderam descobrir: mas as imprudencias trouxeram em resultado a prisão de grande numero de *Academicos*, pela maior parte innocentes.

O nosso Socio foi uma das victimas, e teve de ver por este motivo interrompida a sua carreira litteraria, até que outra faze politica, lançando o véo da amnistia sobre estes acontecimentos, o restituiu á liberdade. No entre tanto sobreveio para atormental-o uma molestia fatal na sua familia, da qual se pôde escapar, não evitou contudo que della se lhe originassem os primeiros symptomas de novas enfermidades, que progredindo pouco a pouco, e amargurando-lhe successivamente a existencia, conseguiram mais tarde roubar-o á vida na flor dos annos.

E não bastava tudo isto para provar a sua paciencia. Seu Tio, aquelle segundo pae carinhoso, que lhe havia proporcionado a expectativa de um futuro lisongeiro, foi tambem victima innocente, em 1828, das nossas fataes dissensões. Homiziado, para evitar maior perseguição, na casa generosamente hospitaleira do virtuoso *Capitão mór de Murte de Sr. Antonio José Affonso*, e ali, quasi sempre separado de sua virtuosa Esposa, de um Filho innocente e do seu querido Sobrinho, arrastou atribulado, apesar dos carinhos e assiduos cuidados daquella boa familia, uma pesada existencia de quatro annos decorridos até ao dia 13 de Abril de 1833, em quo uma apoplexia fulminante o roubou á vida na idade de 68 annos.

Se nesta lucta com as enfermidades do corpo, e com as dores d'alma ainda mais pungentes, não afrouxou a paciencia do nosso Consocio; é certo que o seu espirito avergou um pouco com tanto pêso, e d'ahi lhe proveio aquelle ar de resignada melancholia e uma certa timidez, bem natural ás almas sensiveis, quando se lhes rasga o véo das doces illusões, e encaram finalmente o mundo real e descarnado com todas as suas míserias. A esta timidez por ventura, e em muito grande parte ainda aos tristes preconceitos politicos, devemos attribuir o não se haver feito devida justiça ao seu merito litterario nos ultimos annos da sua Formatura.

Concluida esta, e seguindo-se logo a morte do seu bom Tio, não hêziton, por gratidão ás suas cinzas, em unir a sua sorte á da Viuva e Filho do seu beneficitor, aos quaes prestou sempre todo o amparo que coube em suas forças, e consagrou até á morte o mais extremoso affecto.

Data de então a sua vida clinica, a qual encetou como severoso sacerdote. Mal convalescido ainda da *cholera morbus*, que então com os outros dois flagellos de Deus, parecia querer acabar com esta nossa terra, e chamado para dirigir um Hospital, que para os enfermos desta epidemia se organisára no convento de S. Francisco da Ponte, acudiu logo; e charidoso e desvelado occupou-se todo, não só em socorrer os doentes com os remedios da arte, mas tambem em dirigir e zelar os escassos socorros, que para a sustentação daquelle Hospital lhe foram consignados.

Tereis visto, senhores, o retrato que o sabio e virtuoso *Hufeland* fez de homem que desempenha, como deve, o sacerdocio da *Medicina* não menos respeitavel que o sacerdocio dos altares. Esse retrato, — ouso dizel-o — é o do meu amigo, o do Socio que hoje choramos. E se não — interrogao a memoria ainda fresca da maior parte das Familias desta cidade, não só as abastadas, mas as mais pobres e desvalidas, que todas, com uma só

voz, responderão: que não conheciam nunca *Medico*; que o excedesse no desapego a idéas de interesse; no desvelo pelos seus doentes; na assiduidade e attenção que lhes prestava; na charidade com que os ouvia; e na consolação que sabia derramar pelos corações dos que os cercavam. Nem os progressos das suas enfermidades poderam afrouxar o zêlo, com que desempenhou sempre as obrigações deste seu ingrato ministerio; zelo excessivo ao qual se deve talvez a mais breve terminação dos seus dias.

Foi com estes titulos, que elle grangeou a estima gèral, e que se tornou bemquisto de todos os partidos, sem que á influencia destes mas sim daquelle, se deva attribuir a sua eleição para os cargos de *Conselheiro do Município e do Districto*, que por vezes occupou.

E de tudo isso ainda lhe sobravam horas que dedicava ao estudo das boas letras, e principalmente ao da nossa bella lingua portugueza. Esta escolha de estudos, com que se feria das suas occupações, revelam o quanto era de bem formada a sua alma, e quam grande era o seu patriotismo, porque vós bem sabeis, Senhores, que no amor da nossa lingua vai a dôz maior do amor pela terra e pelas coisas da patria.

Na aturada lição dos nossos classicos adquiriu elle colheita abundante de linguagem pura; e nestes pontos chegou o seu voto e o seu conselho a ser de grande pèso para os muitos que o consultavam. No exercicio de traduzir e verter para a lingua patria os bons escriptos das alheias, ganhou avultado cabedal dos conhecimentos práticos da propriedade, copia, indole e mysterios dos termos da nossa lingua. Como provas ali nos deixou nessas publicações periodicas que sahiram á luz debaixo da responsabilidade do *Instituto*, algumas das formosas paginas que tanto accreditarão aquellas publicações.

Lêde, Senhores, no 1.º volume da *Chronica Literaria* a traducção, do espanhol para excellentè portuguez, de um artigo sobre Mr. de Lamartine, no qual se dá o verdadeiro apreço ao merito sublime, como poeta, do cantor das *Meditações e das Harmonias religiosas*.

Lêde aquelle seu Prefacio á versão do italiano das *Minhas Prisões de Silvio Pellico*, de que logo fallarei, desse prefacio que, seguido lhe escrevia o nosso Socio e maximo Literato o Sr. *Agostinho de Mendonça Falcão*, era bastante só por si para documento sobrejo das suas muitas virtudes, e dos dotes innegaveis para escriptor da lingua portugueza.

Lêde finalmente no 2.º volume da *Chronica* aquella traducção das — *Lagrymas d'Elisa* — desse trecho tão sentimental e melancholico, dessa epopea de dores e angustias porque passa o pobre coração de uma mulher sacrificada barbaramente nas mais doçes affeições do seu coração.

Tambem cultivou com aproveitamento os amenos campos da poesia; porem aquella sua timidez e natural modestia levaram-no a rasgar ou queimar a maior parte destas produções. Somente em alguns desses livros, que hoje se consagram ás preciosas *Memorias da amizade*, escaparam alguns fragmentos: e eu bem desejara, Senhores, poder repetir vos aqui alguns dellos; — um principalmente em que elle derrama, em sentidos versos, religiosas consolações na oração de uma tristo *Mãe viúva*, que só com balsamos destes tem podido mitigar a saudade de um *Filho virtuoso e unico*, nosso commum e nunca espuecido amigo da infancia; morto no vício da

idade e das esperanças mais linsongeiras (b); — quizera repetil-o aqui, para que melhor podesseis avaliar a témpera sonora daquella alma sensível.

E voltando agora áquella sua traducção das *Minhas Prisões*, o maior florão da sua coroa litteraria; eu não vos cançarei em elogiar, com os nossos *Castilhos* e primeiros Literatos, o apurorado merecimento daquelle seu trabalho, nem em tecer o panegirico daquelle livro, qua attrahiu a sua escolha, daquelle verdadeiramente *livro d'ouro*, repassado, desde a sua primeira até á ultima pagina, de sincera e ardente religião, de amor pratico do Deus e dos homens; e que, segundo a frase de um Escripitor francez, — mundano e terrestre como é, captivando pela sua realidade, interessando como romance, pôde sem receio depositar-se em toda as mãos, até nas de uma virgem no dia mesmo da sua communhão.

O nosso *Socio*, a quem a leitura daquella livro fez derramar lagrymas de ternura por mim presenciadas, bem disse a Providencia pelo presente que lhe enviára, e considerando o auxilio e conforto que a sua leitura poderia levar aos tantos corações que soffrem, — os rancores e malquerenças que poderia destruir, protestou logo traduzil-o, e com animo charidoso, e a instancias de amigos, decidiu-se a publical-o.

O *Instituto* soubo apreciar a tempo tanto merito e tantos talentos, e ponde honrar-se com todos estes seus trabalhos, tendo inscripto, logo na sua installação, o seu nome entre os dos seus *Socios*. Nesta obra sancta da civilisação pela arte, foi elle um dos obreiros os mais assíduos. — *Censor* quasi perpetuo das publicações litterarias do Instituto, desempenhou este cargo com o mesmo zelo que applicava a tudo o que se lhe incumbia. — *Censor* de algumas peças dramaticas, appresentou sempre o seu parecer com a consciencia do homem probó, que não se deixando prender por cantos de sercias, não receia, quando é preciso, vir apontar com o dedo para a immoralidade escondida debaixo de flores. — Finalmente não só foi, como já fica dito, collaborador, senão tambem, muitas vezes, redactor dos nossos periodicos litterarios.

Porém, Senhores, o apêrto do tempo força-me a deixar em silencio muitos outros louvorés, que eu poderia ir buscar á sua vida publica e privada, — e a desenrolar diante de vós a ultima pagina luctuosa da sua vida.

A morte que ao principio insidiosamente atacára o nosso *Socio*, havia-se adiantado a passo largo, e já nos fins de 1845 estivera a ponto de lhe cortar os fios da vida. Fez então uma pequena pausa; porém elle não se illudiu, e conhecendo que era com fim de descarregar golpe mais seguro, tractou de preparar-se para a jornada da eternidade, fazendo no principio de 1846 uma confissão geral, e soccorrendo-se á sua fé, cada vez mais viva nos auxilios da religião, para arrostar com as angustias que já então soffia, e que estava certo haviam de crescer progressivamente.

Não vos affligirei, Senhores, demorando-me na descripção destes lances dolorosos; o só, para que delles façaes leve ideia, — acrescentarei que nas vespersas da sua morte, elle se viu obrigado a prescindir do unico refrigerio que ainda lhe restava, o da companhia e consolações dos seus amigos, porque os amigos lhe roubavam o ar, cuja falta lhe dava as ancias da morte.

(b) *Manoel Mathias Vieira*, Repetente e Bacharel Formado na Faculdade de Mathematica, eudo se distinguiu por seus talentos, e foi premiado em todos os annos. Morreu no dia 29 d'Abri! de 1884, aos 23 annos de idade. Jaz na capella do extincto Collegio de Santa Rita de Columbia.

E a morte, que elle já invocava como libertadora, veio finalmente acabar com os seus tormentos, e desprender para o seio de *Deus* a sua alma involta nas consolações da religião, e nas orações dos seus amigos.

Foi no dia, para mim nunca esquecido, 14 de Janeiro de 1847.

O seu testamento foi o epilogo de uma vida tão virtuosa. Escripito com a consciencia da morte proxima, e com a hora marcada quasi profeticamente, são nelle para edificar, e para fazer correr lagrymas dos corações os mais frios, as palavras de compunção com que aquelle *Anjo* se humilha perante a *Bondade Suprema*, e lhe pédo perdão de suas culpas e fragilidades; as palavras com que honra a memoria dos seus virtuosos páes e parentes, aquellas que dirige agradecido á viuva do seu *Bemfeitor* e á sua *Familia* pelos cuidados e carinhos com que o tractaram na sua doença.

Na repartição dos seus poucos haveres quiz pagar todas as suas dividas de amizade e gratidão. Os seus intimos receberam penhores da sua affectuosa saudade. A mim legou-me, entre outras memorias, uma obra de suas mãos, concluida oito dias antes da sua morte, e que enão pela primeira vez me esteve mostrando placidamente, occultando-me o seu destino!

A confraria da *Misericordia*, de que era *Medico* e *Irmão*, o acompanhou com as honras funebres até ao seu jazigo, que por sua disposição, foi o adro lageado da *Igreja do Mosteiro de Sancta Clara*. Pareceu que a sua alma queria regozijar-se com a idéia, de que as orações daquellas boas *Freiras*, que amava como irmãs, reboando pelo templo e misturadas com os sollemnes sons do orgão, sahiriam pelo portal, e viriam bater sobre a sua loisa para de lá se reperculirem para o céu.

O aspecto dos que acompanhavam o préstito funebre era profundamente triste; — ouviram-se muitos elogios; — correram muitas lagrymas, e estas eram misturadas com as de muitos pobres, a quem elle tinha tractado e socorrido.

Concluirei, Senhores, repetindo uma passagem, que ha pouco encontrei no nosso *Fr. Amador Arraes*, n'um exemplar que pertenceu ao meu amigo, e a qual marcada por elle com um signal, nos servirá, como estou certo serviu a elle de refrigerio. Diz assim — « *Diloso o que passu por dores e tribulações, e nesta vida é exercitado como em um campo de paciencia e uma contenda de gloria* » —.



## ERRATAS.

Pag.	Linhas	Erros	Emendas.
11	43	mais constante	mais firme

# ELOGIO HISTORICO

DO

## SOCIO DO INSTITUTO DA ACADEMIA DRAMATICA

Luiz da Silva Mouzinho d'Albuquerque.

RECITADO

NA SESSÃO SOLEMNE DE 9 DE JUNHO DE 1850.

PELO SOCIO

*Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.*

*Laudemus viros Gloriosos . . .  
Ecclesiastic. Cap. 44.*

Um dos maiores ornamentos, o maior talvez, da moderna litteratura franceza, escreveu em uma pagina das suas ultimas obras — esta triste e desanimadora verdade :

» Que pode o homem para o homem que ja não existe? Nada, senão um frio epitaphio. A pedra guarda a memoria por mais tempo que o coração, e é por isso que se grava um nome e uma palavra sobre um sepulchro. Mas quando a geração se extingue, os homens que passam, já nem a palavra nem o nome se comprehendem, e então é necessario que lh'o expliquemos. »

SENHORES :

No epitaphio que eu venho hoje gravar nas Memorias do Instituto da Academia Dramatica, lê-se o seguinte nome :

Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque, Moço Fidalgo da Casa Real, do Conselho de S. M. F., Seu Ministro e Secretario d'Estado Honorario, recebido na Ordem de S. João de Jerusalem, Grão Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Commendador da antiga e muito nobre Ordem da Torre e Espada do Valor, lealdade e Merito, Membro da Academia das Sciencias de Lisboa, do Instituto da Academia Dramatica de Coimbra, e d'outras sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras, Coronel do Real corpo de Engenheiros. E apoz elle, as seguintes datas — 16 de Junho de 1792 e 27 de Dezembro de 1846.

Agora ouvi a explicação : senão é necessaria para vós, é necessaria aquelles que vierem depois de nós, aquelles para quem aquellas poucas palavras forem escuras e insufficientes, e em todo o caso, é o tributo que pagamos, n'este dia de melancholicas recordações, á memoria d'um homem, que tendo esclarecido a terra com a sua intelligencia, jaz hoje frio e inanimado de baixo d'uma campa.

MEMORIAS.

NUMERO 2.º

Soçobrado e confuso me sinto, ao ter de levantar uma ponta do v<sup>o</sup>o mortuario, que cobre uma das vidas mais illustres que teem atravessado na terra portugueza; mas vós, Senhores, que me encarregastes desta missão, bem viciis a grandesa d'aquelle vulto, comparada com a minha pequenez, e então espero que me escutareis com complacencia.

Se a sympathia e a admiração que se sentem por certos homens, são sufficientes para lhes poder esboçar o elogio com traços, senão eloquentes, ao menos verdadeiros, sympathia e admiração sentia eu em elevado grão pelo homem sabio e virtuoso, que hoje commemoramos como nosso socio.

O Senhor Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque nasceu em Lisboa aos 16 de Junho de 1792. Eu podia entreter-vos com a genealogia dos seus ascendentes, nobres de muitas gerações; mas lembro-me que o Bispo de Troies achando em Luiza Izabel de França, Infanta de Hespanha, Duqueza de Parma e Placencia, virtudes e qualidades que hiam ainda além da sua nobresa, exclamou no dia das suas exequias, diante d'um Delfim de França —

*» Je ne ferai donc pas à Madame Infante un mérite particulier d'être née du sang le plus auguste.*

Demais, Luiz Mousinho era um homem pouco soberbo da sua genealogia; a sua aristocracia, se a teve, era toda pessoal, e talvez por isso, dos seus maiores o unico, que se lhe ouvia citar com mais orgulho (orgulho de homem de letras) era seu thio Antonio Pedro Mousinho d'Albuquerque, amigo e correspondente de Mr. de Voltaire.

Tinha o nosso Socio apenas nove annos, quando perdeu seu p<sup>ae</sup>, e foi n'essa época que veio para Leiria, onde recebeu a sua primeira educação litteraria. Permitti, Senhores, que eu me demore um pouco com alguns promiñores da sua infancia, porque está hoje incontroversamente assentado, que é explorando a existencia no seu começo, que se pode estudar a formação d'um caracter. As tendencias dos primeiros annos revelam sempre o homem futuro.

Todo o tempo que lhe crescia das suas lições, começaram Luiz Mousinho a empregar-o em colligir, e ordenar mineraes, insectos e productos chymicos; e em procurar os livros que lhe podessem esclarecer o entendimento, já particularmente inclinado ás sciencias naturaes. Nesta lide, nesta sede de saber e observar, que eram ao mesmo tempo os brincos e distracções do infante, via-se já o physico, o chymico, e o mineralogista do futuro, assim como n'outros trabalhos d'esse tempo se denunciava o poeta que depois foi.

Efectivamente, tinha apenas quatorze annos, quando fez uma traducção em verso da *Andrómacha* de Racine. Este trabalho tinha-lhe sido inspirado por aquella suave lamentação da esposa d'Heitor, no 3.<sup>o</sup> Livro da *Enéida*:

*O felix una ante alias Priameia virgo  
Hostilem ad tumulum, Trojae sub maenibus altis  
Jussa mori. . . .*

Mas nma cousa vos posso eu certificar, Senhores; so Racine não obstante alterar um pouco a historia, tivesse feito como Euripedes, com que Andrómacha já esquecida d'Heitor, derramasse lagrimas receiando pela vida d'um filho de Pyrrho; se a viuva d'Heitor chorasse por outro filho que não fosse Astyanax, não era Luiz Mousinho, não, o que traduziria a Andrómacha; por que n'esse caso a sublime troiana perderia todo o prestigio para o seu co-

ração, mesmo novo como era, e o coração foi sempre o que elle mais oscutou.

Foi nesse tempo, pouco mais ou menos, que compoz tambem uma tragedia em proza tirada d'um romance da epocha; algumas poesias, onde o excesso da sua sensibilidade e imaginação ardente se reflectia sempre; algumas vistas, onde ainda sem nenhum conhecimento da Arte de Pintura, se viam já applicadas as regras da perspectiva; mas tudo isto pela maior parte se perdeu, como acontece sempre aos ensaios da creança, que o homem depois erradamente não tem em nenhum valor.

Assim lhe corren a infancia até que em 1809 assentou praça no batalhão Naval, e matriculou-se no primeiro anno mathematico, para seguir o curso da Academia de Marinha.

Em todos os tres annos, que então constituíam o curso mathematico, foi o nosso Socio premiado, e com o terceiro anno frequentou juntamente o Observatorio Real de Marinha, onde adquirio tal conhecimento dos instrumentos de reflexão e calculos astronomicos relativos á navegação, que em 1813 foi mandado admittir como partidista do Observatorio.

Ha porém certos melindres, que é necessario respeitar, e que longo de desconsiderarem o homem o embôbrezem, depondo muitas vezes a seu favor.

Luiz Mousinho, que era portuguez de lei, via com muita magoa o dominio, que os inglezes iam exercendo sobre os nossos valentes militares; e por isso tendo no principio da guerra da independencia preferido a Marinha ao Exercito, agora que a guerra tinha de todo cessado, prefere a vida pacifica do agricultor á vida do maritimo, antepõe a vida da Provincia ao bulicio da cidade, e para a gosar repousadamente entregando-se ao mesmo tempo ao estudo da litteratura, pediu em 1814 juntamente com a baixa do Batalhão Naval a demissão de partidista do Observatorio.

E ainda bem que a pediu, Senhores; a esta sua decisão deve a litteratura Patria o primeiro poema original do genero didactico. Fallo das *Georgicas Portuguezas*, poema em cinco cantos, dedicado a sua esposa a Ill.<sup>ma</sup> e Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Anna Mascarenhas d'Alaide, principiado nas margens do Tejo, concluido nas do Zézere, e publicado em Paris no anno de 1820.

E' natural que todos vós o tenhaes lido, e que todos como eu vos delectasseis com a sua leitura. Poesia ora singela ora pompoza, mas sempre natural; assumptos pela sua natureza estereis, tornados fecundos; clareza nos preceitos, verdade nas descrições, riqueza nas imagens, doutrina, colorido, expressão, tudo ali se encontra. Neste poema, que tão honrozamente para Luiz Mousinho e para a Nação Portugueza foi considerado pelo celebre Moratin em uma das suas poesias, veem-se já applicados os principios da Chimica e da Botanica; e com tanta ordem e precizão são nelle tratadas todas as materias que dizem respeito á agricultura, que pode elle reputar-se um tratado completo, que devia constantemente andar nas mãos do lavrador.

Pois bem, Senhores; se vos lembrardes que Virgilio principiou a compor as suas *Georgicas* depois dos 33 annos, admirados ficareis se eu vos disser, que todo este thesouro de doutrina theorica e pratica foi concluido, não tendo ainda o seu author 25 annos.

Ao mesmo tempo que Luiz Mousinho longe do fausto da côrte, e no meio das doçuras de familia, assim aproveitava tranquillamente os seus dias em cultivar a terra, e descrever os preceitos agricolas, a sua vida não estava

ociosa para os demais estudos. N'esse remanso da Província cultivou a litteratura, estudou a physica, poelison, entretete relações e correspondencias com os Trigosos, Garção e outros homens celebres da epocha, colligio algumas poesias suas, ainda em parte existentes, compoz uma Tragedia em verso, ainda não publicada — *O Duque de Coimbra* — de quem foi sempre admirador entusiasta, até que em 1820 foi convidado a ir para Paris, alim de collaborar nos *Annaes das Sciencias das Artes e das Letras*, que já a esse tempo contava noye volumes publicados, e de que seu sogro o distincto José Diogo de Mascarenhas Netto era director.

Ahi está esse monumento de gloria nacional levantado em terra estrangeira por Mascarenhas Netto, Candido Xavier, Solano Constancio, e outros sabios portuguezes; ahi estão esses *Annaes*, que ainda hoje são talvez o jornal mais cheio de doutrina, mais judicioso, e mais completo, que se tem escripto em lingua portugueza, para dizerem se a confiança que se depositou em Luiz Mousinho foi ou não justificada.

Esta collaboração, porém, não era sufficiente para elle exercer a sua actividade. Luiz Mousinho ardia no desejo de conhecer tudo, de professar todas as sciencias, de abranger, por assim dizer, todos os ramos dos conhecimentos humanos, e por isso frequentando em Paris a Sorbonne, o Jardim das Plantas, e os demais cursos das sciencias naturaes, estudou o nosso Socio a Chymica, a Physica, a Botanica e a Mineralogia, com as notabilidades scientificas que n'esse tempo as ensinavam; e pode dizer-se que tão grande foi a applicação, tanto o fructo que d'ella tira, que em cada mestre grandeu um amigo. Thouin, professor d'agricultura, distinguia-o entre todos os seus discipulos. Dubois, preparador do laboratorio do Jardim das Plantas, de quem teve um curso particular, entregou-lhe as mais difficis preparações, e tanto confiava no seu saber, que chegou Luiz Mousinho a explicar lições na Sala do Jardim das Plantas.

Tudo isto porém era ainda pouco para vontade tão energica. Ao mesmo tempo que collaborava nos *Annaes*, e que frequentava os diferentes cursos das sciencias naturaes, fazia o nosso socio um curso de Chymica a varios portuguezes, e leccionava no seu pequeno laboratorio os estudantes francezes, que então frequentavam a aula de Gay Lussac. Mas o professar já lhe não bastava, o tempo ainda lhe crescia, o talento sobrava para mais. Escripta nessa epocha pelo nosso socio existe uma obra intitulada — *Idées sur un Etablissement d'Instruction Publique* — que teve a honra de ser recebida pelo Instituto de França, e deposta honorariamente na sua Bibliotheca, conjuntamente com um exemplar das *Georgicas*, conforme lhe foi communicado por Delambre, Secretario Perpetuo d'aquella Academia; e existe um — *Quadro da Acção e Principaes combinações dos Corpos inorganicos*. —

Para julgar d'este *Quadro* foi nomeada uma commissão de que eram membros Gay-Lussac e Chaptal; e estes grandes homens em tanta conta o tiveram, que no parecer da Commissão, que exararam, convidaram o author a continuar o trabalho começado; opinião que foi approvada e adoptada pela Academia das sciencias.

Tinha porém de se não concluir esta obra, que logo no seu começo dera tanta honra ao nosso socio. O anno de 1823, que estava pela Providencia destinado a acabar na Peninsula com as novas Instituições, tinha chegado; o exercito do Duque d'Angouleme movia-se para os Pyreneos; o mi-

nisterio Villele sem força para a resistencia tinha cruzado os braços, e consentido na violação do Direito das gentes; a Hespanha hia ser invadida; Portugal poderia achar-se envolvido nesta guerra, e Luiz Mousinho achou que não devia em uma crise em que talvez a patria precisasse dos seus braços, achar-se longe d'ella n'um reino estrangeiro. Deixou pois a França e voltou para o seu Paiz.

Pouco depois da sua chegada a Portugal foi nomeado Provedor da Casa da Moeda.

Neste lugar representando ao Governo, mostrando os inconvenientes da fabricação do bronze, propondo reformas economicas, aconselhando melhoramentos, e apresentando um novo regimento, prestou Luiz Mousinho valiosissimos e desinteressados serviços. Desinteressados, digo, porque nesta reforma, entendendo o lugar de Provedor desnecessario, supprimio o seu proprio lugar! Tão longe levava Luiz Mousinho o espirito d'abnegação que sempre o distinguio!

Os seus serviços porém não podiam limitar-se a isto, que para outro homem seria já muito. N'esse mesmo anno obtendo do governo a permissão para abrir um curso, em que, a favor da instrucção scientifica do seu Paiz, aproveitasse o tempo que lhe sobrava das suas occupações como Provedor e reformador da casa da moeda—abriu Luiz Mousinho um curso gratuito de Physica e Chymica.

Em remuneração d'este serviço é que D. João 6.º o promoveu ao posto de 1.º Tenente do Real Corpo d'Engenheiros. Era a primeira vez que Lisboa attonita via o Provedor da Casa da Moeda a professar um Curso. A Physica e Chymica; se não eram desconhecidas, estavam ainda muito atrazadas entre nós. Dallabella tinha composto um compendio de Physica, mas no tempo da Reforma Universitaria do Marquez de Pombal; o Padre Theodoro d'Almeida tinha escripto alguma cousa tanto em Physica como em Chymica, mas no fim do seculo passado; Thomé Rodrigues Sobral não tinha imprimido as suas bellas lições; a Academia havia publicado algumas memorias sobre estas duas sciencias, mas tudo isto além de ser insufficiente como corpo completo de doutrina, estava de mais a mais antiquado, depois do apparecimento de Biot, Thenard e Gay-Lussac, mestres de Luiz Mousinho.

Muita gente se lembra ainda das brilhantes prelecções do nosso socio n'aquella época. Este homem que estava tão elevado na sciencia descia á explicação minuciosa das mais pequenas duvidas, que se lhe apresentavam, e creava por sua modestia e cortez affabilidade em cada ouvinte um admirador, em cada alumno um amigo.

Foi para os seus discipulos, e á modida que lhes explicava as lições, que elle compoz o seu *Tratado de Physica e Chymica*, a primeira obra completa d'estas sciencias, que Portugal possui, e cujo merito é por todos reconhecido.

Incansavel, Senhores, como ja vo-lo pintei; desejoso de prestar á Patria todos os serviços, que pudesse como bom filho, que era, offereceu-se para durante as ferias do curso de Physica e Chymica analysar os terrenos e agua das Furnas da Ilha de S. Miguel. Este offerecimento foi-lhe aceito, e partiu para a Ilha.

A maneira por que desempenhou esta commissão acha-se honrosamen-

tê consignada em Portaria de 30 d'Agosto de 1826, assignada por Ignacio da Costa Quintella, e para mostrar que o ministro fez justiça, ahí corre impressa a excellente memoria, que o nosso Socio publicou sobre aquella Ilha.

Voltando ao continente foi encarregado, entre outros trabalhos, d'analysar as aguas potaveis de Lisboa, d'examinar a composição do Gimento Romano, e de fazer uma viagem com o fim de rennir e coordenar observações sobre a geographia e Estadística do Reino.

Estes trabalhos porem foram em parte interrompidos, porque as ideas politicas, que no seculo 19 tinham d'agitar a Europa, começavam a discutir-se em Portugal, e Luiz Mousinho achou-se envolvido nas desgraçadas luctas, que a discussão trouxe consigo; luctas que se prenderam com os acontecimentos de 1828, que o levaram á emigração, que o constituiram um dos campeões mais strenuos e illustrados do partido liberal, e da que infelizmente um dia tinha de ser victima.

Oh! se ellas não fossem, se as doutrinas nunca descessem da discussão pacifica e racional da tribuna e da imprensa á gladição no Campo da batalha, Luiz Mousinho ainda hoje vivera talvez, as letras muito mais lhe teriam devido, e a Patria fora com isso mais feliz.

Estou chegado, Senhores, á parte mais difficil do Elogio do nosso chorado Socio, e confesso que não tenho forças nem subsidios para a emprender. Estou chegado á parte politica da sua vida, e aqui onde elle foi tão grande, maior talvez de que nunca, pouco ou nada posso eu dizer.

Perderam-se as memorias? Não. Esqueceram-se os feitos? Ainda menos. Mas para mim as memorias são poucas e aos feitos não assisti. Eu não fui seu companheiro na emigração, não vi os seus planos de batalhas, não ouvi os conselhos com que elle dirigia os cabos de guerra, não fui testemunha da energia, lealdade e pureza d'intenções com que elle nas cortes estrangeiras defendia a causa, que abraçara, não militei em summa ao seu lado senão na ultima triste campanha, que lhe roubou a vida.

Se isto é verdade em relação ao periodo que corre de 1828 a 1834 em que se acabou a guerra de portuguezes contra portuguezes, não deixa tambem de o ser pelo que respecta ao que corre de 1834 a 1846—em que de novo nos despedaçámos.

Demais a analyse d'esta gloriosa carreira politica de dezoito annos, alem de não ser compativel com a pequenez de este trabalho, excederia talvez a nossa missão como membros d'uma sociedade litteraria; e quando esta razão não fosse para me dispensar, seria bastante o saber eu que mãos mais habeis do que as minhas, penna mais digna, tem principiado uma memoria em que o nosso socio deve ser politicamente apreciado.

Quando esta memoria apparecer, e praza aos Ceos que ella não tarde, estou certo que se fará a devida justiça a Luiz Mousinho; e em todo o caso quando um dia se escrever uma historia circumstanciada, critica e imparcial dos ultimos tempos, ver se-ha então com mais evidencia o que foi o homem celebre que perdemos; porque a sua vida está ligada com os principaes acontecimentos do segundo quarto d'este seculo.

Por em quanto só vos direi que nomeado pela Regencia da Ilha Terceira em attenção á sua elevada intelligencia e variados conhecimentos, Secretario d'Estado unico de todas as repartições, foi Luiz Mousinho tão incansavel, tão zelozo, tão dedicado, prestou tantos e tão innumeraveis ser-

viços, que no Duque de Bragança encontrou um admirador e um amigo.

Que mandado com diversas missões ao Rio de Janeiro, a Londres, a Paris e a Madrid, soube sempre conciliar os interesses do seu partido com a dignidade da Coroa, que representava.

Que acompanhando a expedição ao Porto, onde fez parte do ministerio, foi elle quem em uma representação de 23 d'Abril de 1833 — propoz ao Duque de Bragança, com a linguagem franca de que sempre fez uzo, a expedição ao Algarve, como unica medida militar, economica e politica, que podia salvar o throno da Senhora Dona Maria II. nas apuradas circumstancias em que então se achava. O resultado d'esta expedição, que elle mesmo quiz acompanhar e dirigir, mostrou que o politico não se enganava.

Que mandado governar a Ilha da Madeira com poderes reunidos civis e militares, de tal sorte se houve no desempenho d'esta missão em crise tão difficil, que quando teve de deixar a Ilha por ter sido nomeado Governador da India, cargo que não chegou a servir porque foi n'essa occasião chamado ao Ministerio, nem um só dos habitantes d'aquella formosa terra poudo ver sem profunda magoa a partida d'este chefe idolatrado por todos.

Que sempre que foi eleito deputado e entrou as portas do parlamento, sempre o Paiz o vio nos bancos da opposição, porque ali reputando-se mais livre, e sem compromissos, que o prendessem ao poder, julgava elle que melhor cumpria o seu mandato, e mais serviços pre-tava á sua patria, sem em cousa nenhuma comprometter a sua reconhecida independencia.

Só vos direi em summa, Senhores, que tendo sido por cinco vezes Ministro e Secretario d'Estado, a unica demissão que lhe foi dada d'este importantissimo cargo foi a da noite de 6 d'Outubro de 1846. As outras pediu-as elle sempre, como homem que entre nós melhor tem comprehendido a theoria do systema representativo, como cidadão de costumes mais rigidos e mais austeros, que a nossa epocha tem visto; como portuguez, que mais interesses sacrificou á inteireza do seu caracter pessoal. Depois d'este rapido esboço sobre a sua vida politica permitti, Senhores, que eu volte mais d'espaco a enumerar-vos os serviços, que mesmo no meio das agitações dos partidos e do desenfreamento das luctas civis elle prestou á sua patria.

Não são elles tão poucos, que eu os deva esquecer; são os do seu ultimo quartel da vida, que elle nunca julgou fosse tão curta; e por si só seriam bastantes a conquistar-lhe um lugar distincto entre os homens mais illustres d'esta terra.

Mesmo no meio do ruido das armas, por uma rara actividade de que tão generosamente o dotara a natureza, entretinha Luiz Mousinho o tempo que das lides lhe sobrava em cultivar a poezia, como homem que n'ella encontrou sempre uma suave diversão ás duras fadigas da vida publica. Ahi existe primorosamente impresso e publicado pela Sociedade propagadora dos Conhecimentos Utois o formoso Poemeto intitulado — *Rui o Escudeiro*, composto durante a campanha de cerco do Porto. Lêa-se e ver-se-ha que a singeleza do conto não perdeu nada com as flores elegantes de que foi revestido.

Estudae-o, e notareis que composto em 1833, já aquella poesia, desprendendo-se das formas classicas, nos apontava o caminho, que neste genero de litteratura a nova geração devia trilhar; iniciando a no maravi-

lhoso segredo das riquezas lyricas, que lord Byron tinha advinhado na Inglaterra, que Victor Hugo e Lamartine haviam ja ensinado á França, e que tambem então começavam a ser felizmente ensaiadas entre nós pelos Senhores Garret e Antonio Feliciano de Castilho.

Ao mesmo tempo que assim enriquecia a litteratura scismava Luiz Mousinho em outras obras que lhe não deram menos gloria, que as da sua pena. Já tive a honra de vos dizer qual foi a saudade com que os habitantes do Funchal o viram sahir das suas praias em 1835, justa era ella quando mesmo senão attendesse a outra cousa mais do que á indole generosa do seu governo, mas outros titulos não menos nobres existiam, que o tornavam credor do reconhecimento d'aquelle povo.

Eu já não fallo, Senhores, dos esforços constantes que elle fez para melhorar a sorte dos Madeirenses, reformando e soccorrendo os Hospitales, fazendo julgar os criminosos, instituindo um asylo d'Infancia, abrindo aulas d'ensino primario, vezitando o interior da Ilha, estudando as suas necessidades e tornando-se conhecedor d'ella a ponto, que entre os seus manuscritos existe principiada uma interessante memoria sobre aquella nossa Possessão, Fallo de tres grandes obras meditadas e principiadas por Luiz Mousinho—O encanamento das aguas do Rabaçal—a ponte do Ribeiro Secco—e a estrada do Funchal para a Camera de Lobos.

Para que possais fazer uma idea aproximada da primeira d'estas obras, a que um celebre escriptor Inglez, o Dr. Macaulay, chama *grande e tal que faria honra a qualquer seculo e a qualquer Nação*, é conveniente que eu vos dê conta de parte d'uma correspondência que o mesmo escriptor fez inserir n'um jornal do seu paiz—o *Athena*.

Diz elle :

» Na testada d'um barranco estreito e profundo que forma o começo do Valle da Ribeira da Janella, ergue-se uma rocha perpendicular com mil pés d'altura. Grande copia d'aguas mana d'esta penha; parte sacudidas do alto rochedo em abundante cascata, e parte em fios innumeraveis, que rebentam das fendas na sua superficie vertical, gotejando por entre os arbustos, que a povoam. »

» Todo este manancial d'aguas era perdido precipitando-se n'um como abysmo d'onde corria infructuosamente para o mar; observou-se porém que se as interceptassem na descida, e desviassem da carreira que a natureza lhes imposera, destinando-a por arte ao regadio do chão agricultado, seria incalculavel o proveito que d'ahi se tiraria. »

» Parece que semelhante tentativa se fizera em epocha remota de que não ha vestigio; o governador da Ilha em 1823 teve a mesma lembrança; porem só em 1836 se den principio á obra. »

» Da extraordinaria habilidade do engenheiro a que foi commettida farrão os que não viram o sitio a mais elevada idea pela simples descripção seguinte. »

Não daremos aqui a descripção da obra que se lê no jornal inglez, porque isso nos levaria muito além do que razoavelmente deviamos; basta que se saiba que todas as difficuldades se venceram á custa d'incriveis esforços; e que as nascentes da rocha vertical tão bem aproveitadas foram, que para baixo da levada que ainda fica trezentos pés acima do fundo do abysmo, onde antes se desperdiçava tanta riqueza, não se vê correr uma gota d'agoa;

em quanto que d'ali para cima, que são ainda setecentos pés, é tudo uma abundante cascata que vai hoje regar e fertilisar o terreno de cinco bellas freguezias, que antes eram pela maior parte incultas.

O escriptor inglez mal informado porém commetten duas inexactidões. A primeira é dizer, que o encauamento teve principio em 1836, quando é certo que em tal época já o nosso socio, que o principiou, se não achava na Madeira. A segunda, que o engenheiro de tão grandiosa obra foi o Senhor Capitão Vicente de Paula Teixeira, natural da Ilha, quando não é menos certo que foi o nosso socio que a delincou. A sua memoria não precisava d'esta vindicação para ser grande, mas a nós compete-nos sobre tudo pagar um tributo á verdade. Demais, seja dito sem offensa de nenhuma pessoa, se ha homem a quem se possa applicar o *tulit alter honores* do poeta romano, é Luiz Mousinho. Tanto na paz como na guerra, trabalhando para a patria e não curando de si, trabalhou tambem para a gloria dos outros: muitos dos seus actos andam erradamente attribuidos a quem os não praticou; porém eu entendo que é hoje um dever meu, ao menos n'aquillo que estiver ao meu alcance, não deixar tributar a ninguém as honras que a elle principalmente pertencem.

Bem basta, Senhores, o esquecimento com que lhe pagaram aquelles que mais lhe deviam, e que mais d'elle se deviam lembrar.

Longe porém me levariam as reflexões que cabiam n'este lugar, e eu prometti fallar-vos d'outras duas grandes obras pelo nosso socio meditadas e principiadas na Ilha da Madeira.

Estava desde muito tempo reconhecido, que se houvesse uma estrada que á beira mar communicasse a cidade do Funchal com a Villa da Camera de Lobos ficaria a Ilha dotada d'um passeio plano e agradável, que emendando a disposição montanhosa do terreno, proporcionaria aos doentes que alli concorrem de quasi toda a Europa a passarem o inverno, uma diversão facil, commoda e até muito util para o seu estado valetudinario. As difficuldades para que isto se conseguisse não eram pequenas, porque logo ao sair da cidade para o lado do Oeste se encontra uma grande quebrada formada pelas torrentes, no fundo da qual corre o ribeiro secco, quebrada que era mister atravessar por meio d'uma ponte, para em continuação d'esta lançar então a estrada até á Camera de Lobos.

Era ousadia, Senhores, emprehender semelhante obra no meio das inevitaveis oscillações, que uma guerra deixa apoz si; mas Luiz Mousinho, dotado d'uma vontade forte e que nunca desistio senão diante do impossivel, desprezou todos os obstaculos que se lhe offereciam.

Os habitantes do Funchal lembrados do heroe da época, mas esquecidos do que mais lhe convinha, intentavam levantar um monumento ao Duque de Bragança. — Levante-se, — diz Mousinho, mas seja o monumento uma ponte sobre a quebrada do Ribeiro Secco, e uma estrada para a Camera de Lobos —.

A lembrança foi festejada e aceita, a obra delineada e principiada, e a não ser a saída de Luiz Mousinho para o continente certissimamente ficaria concluída. Felizmente o Senhor José Silvestre Ribeiro aproveitando-se agora do que já achou feito e riscado conseguiu levar ao cabo a obra principiada pelo governador de 1835, que durante quatorze annos permanecera, como elle a tinha deixado.

Se vos fiz estas ultimas considerações, senhores, foi para principalmente vos mostrar como Luiz Mouzinho entendia os monumentos que se devem erigir á memoria dos principes; foi para que apresentando-vos uma feição do seu character melhor podesseis conhecer o homem que perdemos; foi para que comprehendesseis uma das principaes razões da admiração que, como já vos disse, dedicou sempre ao Duque de Coimbra, que para elle não era só o defensor do Reino, que nunca abuzou do poder; o Principe sabedor e prudente, que tanto beneficiou o seu paiz; o martyr da batalha d'Alfarrobeira, que pereceu victima d'intrigas e mal cabidos odios; era tambem o homem severo e judicioso, que recusara uma estatua quando os cidadãos de Lisboa lh'a quizeram erigir sobre a porta dos Estãos em memoria dos beneficios que d'elle tinham recebido.

Estas diligencias que Luiz Mouzinho empregou para beneficiar a Madeira, e que nasciam do amor, que elle teve sempre ás nossas Possessões; amor que era ainda augmentado pelo sentimento de as ver abandonadas— foram igualadas, senão excedidas no Continente.

Nomeado em 1836 Inspector das obras publicas na divisão do centro do Reino foi incansavel no desempenho d'este cargo. Ahí está o lanço da estrada macadamizada ao pé de Leiria, que é d'esse tempo, ahí existem entre outros os projectos de melhoramento das barras de S. Martinho e Viera, e do encanamento do rio Liz, para mostrarem o muito, que elle estudou o ramo de serviço de que se havia incumbido.

Pouco tempo logrou a Nação o possui-lo exercendo tão sollicitamente este emprego. Os acontecimentos que se seguiram á revolução de Setembro de 1836, acontecimentos em que elle se achou involvido, obrigaram-o a interromper os serviços começados, e a trocar a patria pela capital da França, onde o tempo não foi desperdiçado pelo sabio.

Ahi ancioso de saber e augmentar ainda os seus conhecimentos seguiu Luiz Mouzinho diversos cursos, vio, meditou, applicou-se com especialidade ao estudo dos trabalhos de construcção, e quando voltou ao seu Paiz em 1838 apresentou á Academia o seu — *Guia do Engenheiro*, excellent manual sobre pontes, manual que é ainda hoje a unica obra que possuímos neste genero, e que a providencia tinha destinado fosse a ultima que elle nos houvesse de escrever.

Habilitado como nenhum outro neste ramo foi Luiz Mouzinho nomeado Inspector das obras publicas em todo o Reino, e encarregado ao mesmo tempo de reformar esta repartição.

Os Relatorios e projectos d'obras que apresentou ao governo desde que este cargo lhe foi dado até á sua demissão espantam pela fecundidade e riqueza de idéas, lucidez de doutrina, e consumada redacção. As obras que principiou e levou ao cabo n'essa mesma epocha são admiraveis pelas regras que lhes foram applicadas, solidez com que foram construidas, e perfeição, que as acompanhou sempre.

Como projectos d'obras citarei os das barras da Figueira, d'Aveiro, Porto e Caminha. Os do encanamento do rio de Sacavem, do Guadiana e do Almonda, que elle intentára tornar navegavel até perto de Torres Novas.

Citarei o projecto de Lei das Estradas, cujas demarcações e divisões ainda hoje pela maior parte conservadas, são todas d'elle, e que impresso, existe com o seu nome na Inspecção Geral das Obras Publicas.

Como obras citarei entre outras, que para darem testemunho da sua actividadeahi se encontrão pelo Paiz, a—Ponte Pensil do Douro e a Restauração do Monumento da Batalha.

E tudo isto meditou fez e escreveu Luiz Mouzinho passando a maior parte do tempo a cavallo a inspecionar os trabalhos, respondendo a uma infinidade de consultas do Governo sobre assumptos extranhos, e occupando-se por vezes de examinar o tractar os negocios de mais d'uma Empreza particular.

Mas, Senhores, eu fallei-vos na restauração do monumento da Batalha — e como ella não é de tão pequeno vulto, que se passe de leve, heis-de permittir-me que eu me detenha um pouco na apreciação d'uma obra, que nos vinga de tanta miseria d'este seculo.

A Batalha é o ultimo poema de Luiz Mousinho, é o seu sonho d'artista, é o seu delirar do poeta. A Batalha, se elle não fora, estaria hoje abandonada, a destruição que já a começava a minar ganharia forças maiores, e em pouco tempo aquelle padrão da nossa gloria, aquelle assombro d'extrangeiros só seria para os visitantes um documento da nossa deshonra.

Bem o sabia Luiz Mousinho; isto doia-lhe no coração e por isso quando Elrei veio fazer a sua digressão ás provincias do Norte, e visitou a Igreja da Batalha, suscitou-lhe o nosso socio a idéa de se consignar uma prestação para os reparos e conservação d'aquelle monumento nacional. A idéa foi acolhida, a prestação votada e no principio do anno de 1839 foi começada a obra debaixo da direcção de Luiz Mouzinho.

A providencia é que permittio que a obra de D. João 1.º e D. Manoel não caisse em mãos barbaras. Restauradores se diziam os frades seus antigos habitantes, e elles gastavam a prestação annual destinada a reparosem arrebitadores italianos com que insultavam os lavores gothicos.

Restaurador da Capella real havia sido o grande Marquez de Pombal e elle consentio que se decorassem as janellas d'ogiva que illuminam o tumulo do Mestre d'Aviz, com vidros bastardos e descorados do seculo 19!

Restaurador como estes podia tambem ser Luiz Mouzinho se elle fosse só um architecto e não fosse ao mesmo tempo um poeta.

Não, Senhores, devo aqui dizel-o. A restauração que se principiou e que ainda hoje se continua debaixo do mesmo plano não é em nada inferior á obra primitiva, e a pequenez da prestação não impedio, que o nosso socio a concebesse gigantesca. Tres Coruchecos alluidos pela commoção do terramoto de 1755 foram logo apeados e reedificados, outros foram feitos de novo. As abobedas e coberturas foram vedadas. Os dois primeiros arcos lateraes foram reparados, reparado foi o frontespicio da Igreja. Quasi todas as janellas de primeira ordem, e ainda algumas da segunda foram apeadas e tornadas a levantar; outras inteiramente destruidas feitas de novo, e todas envidraçadas. E tudo isto dirigia Luiz Mousinho com um amor fanatico.

D'elle são os desenhos, d'elle os riscos para as novas vidraças, d'elle os processos para corar o vidro, d'elle tudo o que ainda hoje se está observando n'aquelle restauração, que tencionava levar até á reedificação do grande Coruchéo das Cogonhas, inteiramente destruido, e á cobertura do que existe feito das capellas imperfeitas de D. Manoel.

Para vos mostrar, Senhores, que a Batalha era o seu scismar continuo basta dizer-vos, que sendo demittido d'Inspector das Obras Publicas em 1843 por pertencer aos bancos da opposição, não o levou o despeito a ponto de lhe recusar os seus serviços, que não sabia elle o que era despeito quando se tractava da honra da Patria. A Batalha era para elle como que uma filha adoptiva, e por isso ao mesmo tempo, que lhe dedicava uma Memoria, que não chegou a acabar d'escrever, quasi que se pode dizer que foi elle quem a continuou a dirigir em quanto viveu.

Voltando de novo á vida domestica empregou Luiz Mouzinho o tempo que lhe sobrou da direcção das obras da valla da Azambuja e outros trabalhos de não menos transcendencia, que lhe foram commettidos por emprezas particulares, em cultivar o espirito de suas filhas, repousando ao mesmo tempo da lide politica.

Neste folgar domestico, que elle tanto soube apreciar sempre que no meio da agitação da vida publica lh'o deparava a sorte, passou o anno de 1845 e parte de 1846—até que a Revolução de Maio d'este anno o veio arrancar ao seio da familia para nunca mais lh'o restituir.

Senhores! Vós sabeis a historia d'este grande acontecimento. De tris-tíssima recordação é elle pelas dissensões que se lhe seguiram, e não seria eu que o traria hoje á vossa lembrança se pudesse escusar-me de volver esta pagina dolorosa. Luiz Mousinho aceitou a Revolução. Eis o facto. O ministro que referendara o Decreto de 10 de Fevereiro de 1842 não podia deixar de seguir o movimento popular que pretendia inaugurar as doutrinas d'aquelle Decreto; e por isso chamado ao Ministerio prometeu que havia de cumprir e guardar os principios que a Revolução proclamava até que ás mãos da representação Nacional entregasse a sorte do paiz.

A contra-revolução de 6 d'Outubro não lh'o consentiu. A representação Nacional, convocada pelo Decreto mais liberal que possuímos, não se chegou a reunir, e assim como Egas Moniz, que por não poder satisfazer a promessa, que havia feito ao rei de Leão no cerco de Guimarães, foi a Castella com barão ao pescoco offerecer a vida, marcha Luiz Mousinho para o campo dos populares e entrega-se em holocausto pelo cumprimento da palavra.

Outro que não fora elle podia considerar-se exonerado quando mesmo não procedesse assim, mas Luiz Mouzinho era mais que tudo um Cavalleiro, e aos elevados sentimentos d'honra, que poucos homens comprehendem, sacrificaria até as suas proprias convicções politicas fossem ellas quaes fossem.

Quem se ha-de erguer n'este mundo para accusar o cavalleiro, Senhores?

O Sacrificio foi-lhe accito; na batalha mais renhida que então se pe-lejou perdeu Luiz Mouzinho a vida, a promessa ficou satisfeita, a divida do Ministro mais que paga pelo soldado; mas a patria, Senhores, a patria tinha perdido um dos seus primeiros filhos.

Sim, Senhores, no dia 22 de Dezembro de 1846—seriam quatro horas da tarde, quando o fogo se tinha accendido mais vivo no forte de S. Vicente. Luiz Mousinho encostado a um parapeito tão embebido estava na contemplação melancholica d'aquelle quadro de destruição, que nem dava attenção, ao chuveiro de ballas, que á roda d'elle despedaçavam as oliveiras.

Foi nesta occasião, que seu filho mais novo collocado junto d'elle o vio vacillar, estender-lhe sobre os hombros a mão esquerda e levar a direita ao peito.

« Estou ferido, leva-me ao Hospital de sangue » diz Luiz Mouzinho. E assim apoiado sobre seu filho caminhou ainda por seu pé até á capella do Castello. Deitado sobre uma maca, com a cabeça encostada sobre uma mochila, ali permaneceu no meio de gritos e gemidos de feridos até ás quatro horas da tarde do outro dia em que foi conduzido para sitio mais proprio.

Prestaram-se-lhe todos os soccorros, mas a pezar d'elles o seu estado peorava cada vez mais.

O delirio tinha-se accendido n'aquella imaginação ardente, a fatalidade da causa, que elle havia esposado, dominava-lhe exclusivamente os sentidos, retalhava-lhe o coração, e n'este estado d'agonia extrema se passaram cinco dias.

Sua espoza, que de Lisboa tinha corrido logo que soube do formento de seu marido, lembrou-lhe por conselho do medico que recebesse os soccorros espirituaes. Luiz Mouzinho apezar de não se suppor em tão grande risco como o julgavam annuo de bom grado, e com uma firmeza d'alma e resignação Christã, que assombrava os circunstantes recbeo todos os sacramentos no dia 27 pelo meio dia.

Sete horas depois no meio das lagrimas de sua espoza e de dois filhos entregou serenamente a alma ao Creador.

Deixai, Senhores, que eu aqui repita as proprias palavras com que um de seus filhos descreveu as ultimas honras funebres que se renderam a este grande homem.

« A's duas horas da tarde (do dia 28) foi levado meu pai para a Igreja. As orações que repetiam os padres, que tinham assistido aos seus ultimos momentos, eram cortadas por soluços e lagrimas. Foi vestido como tinha entrado na acção, sem divisas militares, nem distinctivos d'honras. O seu caixão foi levado por pobres, e a chave por um creado a quem as lagrimas de dôr sincera que experimentava suppriam o parentesco. »

Assim acabou um homem que reunia toda a moralidade, regidez e inflexibilidade de character dos antigos tempos a todas as virtudes da sua epocha. Um homem que era ao mesmo tempo nobre pela sua stirpe, grande pelo seu saber, distincto pelas suas qualidades. Um homem que pelo seu vasto saber nas sciencias e nas letras foi seguramente entre nós o primeiro deste seculo, por que á idealidade de poeta, aos conhecimentos do mathematico, do philosofo, do engenheiro e do soldado, reunia a profundidade do litterato e a sciencia do Estadista.

Um homem que sempre antepoz o dever e a lealdade de cidadão ás riquezas e commodidades da vida. Um homem que era tão incapaz de adular o povo como o poder, porque, independente por natureza tanto esperava d'um como do outro. Um homem, enfim, que tendo sido por cinco vezes ministro d'estado, e tendo occupado em quanto vivo elevadas posições deixou em partilha a seus filhos uma parca fortuna. Seja dito para confusão dos ambiciosos. A casa ao pé de Leiria onde hoje habita a sua familia representa a legitima de sua espoza e algumas economias feitas nos ordenados de Provedor da Casa da Moeda, com que foram comprados os titules por que a obteve. Desinteressado como ninguem recusou-se a rece-

ber na qualidade de Secretario da Regencia mais do que a prestação de 123000 dada aos outros emigrados ; pela lei das indemnisações offerecendo-se-lhe o saldo dos vencimentos que por aquelle titulo lhe competiam, e que nos Açores recusara, regeita a liquidação.

Offerece as Georgicas aos Redactores dos *Annaes das Sciencias das Artes e das Lettras* ; dá o *Rui Escudeiro* á sociedade propagadora dos conhecimentos uteis ; faz presente do *Guia do engenheiro* á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Bom e generoso por condição, n'essa época em que poucos tinham a coragem d'erguer a voz a favor dos vencidos, teve elle a ousadia de levantar a sua contra os exaltados de 1834—, que abuzando da victoria queriam tornar mais amargo o calix áquelles a quem a fortuna tinha já abandonado no campo da batalha, e que a elle devem principalmente tudo quanto em seu favor se estipulou na convenção d'Evora-Monte.

Arrebatado de genio por momentos, mas puro de costumes e dotado d'extrama sensibilidade pedia ao Ceu para suas filhas não

..... a vaidade,

Nem das pompas e grandeza

Faustosa falsidade ;

.....

.....

Porém sim

..... essa innocencia

Sem a qual não ha ventura,

A piedade a paciencia

A caridade a doçura. (\*)

Enthusiasta da gloria, apaixonado do bello, sectario constante de uma generosa idealidade, correu sempre atraz d'esse sonho de perfectibilidade moral, que julgou realisavel sem a encontrar nunca.

Portuguez no fundo d'alma, dedicado constantemente aos interesses da Patria, trabalhon sempre por ella, admirou-lhe as glórias, votou-lhe o coração, deu-lhe a penna, consagrou-lhe a espada, e com o nome da Patria nos labios morren como Canhões.

Eram estas qualidades reunidas, Senhores, que o tornavam um dos oradores mais atrahentes e seductores da nossa tribuna, quando com as suas palavras cheias de força e colorido, repassadas de enthusiasmo, e unidas de verdade acordava os echos do salão de S. Bento.

Eram ellas, que lhe davam essa excentricidade politica, que os homens ambiciosos de dominio reprovam, mas que elle orgulhoso inscrevera na sua bandeira por que nunca aspirou a elle.

Foram ellas que o levaram a sacrificar se no meio das cohortes populares, e que dando-lhe a coroa do martyrio o roubaram para sempre á Patria na idade de 54 annos.

Oh ! Como elle se illudiu nos seus sonhos de poeta ! O seu mais vivo desejo, a sua constante esperança, o seu scismar de cada dia, era chegar á viver uma velhice repousada no meio da esposa e dos filhos, que amava.

Ainda não tinha vinte e cinco annos, aiuda o fogo da mocidade lhe

pulava no coração, ja elle olhava para o futuro, ja elle escrevia nas *Georgicas* :

Sim, por vós, filhos meus vereis um dia  
Estos ruraes preceitos praticados ;  
Producto caro do vigor dos annos ;  
Então cheio de cans e de venturas  
Assentado entre vós qual Cedro antigo  
Entre as alegres plantas, que o rodeam,  
A par da esposa folgarei d'ouvir-vos.

Mais tarde, quando ainda a força superabunda na vida, quando ainda a velhice não deve lembrar, escrevia elle no seu formoso apologo do *Carvalho e a Vide*, dedicado a sua filha mais velha :

Tu és ó filha a vide carinhosa  
Que junto a mim mimosa tens brotado :  
Depois que despontaste melindrosa  
Treze giros o sol tem completado.  
Se até hoje esta copa vigorosa  
Contra os Euros te tem agasalhado,  
Espero um dia minha frente nua  
Placido repousar á sombra tua.

Desejos vãos ! Malogrado sonho da vida ! Nem isto a fortuna lhe concedeu. Lá jaz sepultado em Torres Vedras aquelle que depois d'uma velhice repousada de vera dormir o somno eterno debaixo das abobedas venerandas do mosteiro da Batalha.

Matheus Fernandes tem alli a sepultura por que devia descansar debaixo das naves e arcarias que levantou ; Luis Mousinho deve alli ter a sua porque as soube restaurar.

Esperamos que a sua familia obterá esta concessão, e quando isto for terá ao menos a consolação de lhe poder ajoelhar na campa todos os dias ; por que hoje se ha alguma cousa que a possa consolar é somente o ver que a sua morte foi geralmente sentida e chorada.

Sim, geralmente chorada ; para o sentimento não onve amigos nem contrarios ; o Marechal Saldanha, o seu adversario politico foi visital-o depois da victoria, e apezar dos louros que lhe cingiam a espada, não poude conter as lagrimas e chorou.

Choremos nós tambem, Senhores, nós não perdemos só um homem que admiravamos, perdemos mais do que isto—perdemos um sabio, perdemos um amigo, perdemos um irmão.

Em quanto a mim resta-me exclamar como Aimé Martin concluindo o ensaio sobre a vida de Bernardin de S. Pierre.

« Eu posso tambem pronunciar o —*nón omnis moriar* d'Horacio, por que acabo de gravar o meu nome ao lado d'um nome que não deve morrer.



# MEMORIAS

DO INSTITUTO DE COIMBRA

**N.º 4.º**

**ELOGIO HISTORICO**

DO

*SOCIO DO INSTITUTO, E DA ACADEMIA DRAMATICA DE COIMBRA,*

**Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel,**

**RECITADO**

**NA SESSÃO SOLEMNE DE 11 DE MARÇO DE 1852.**

**PELO SOCIO, E PRESIDENTE HONORARIO DO INSTITUTO,**

**Jose Freire de Serpa Pimentel.**

---

COIMBRA:

*Imprensa de E. Trovão*

1852.



# MEMORIAS

DO INSTITUTO DE COIMBRA

N.º 1.

BRASILEIRO

10

MEMORIA DO INSTITUTO DE COIMBRA, E DA BIBLIOTECA MUSEU DE COIMBRA,

DESADE O ANO DE 1808.

BRASILEIRO

NA BIBLIOTECA MUSEU DE COIMBRA, E NA BIBLIOTECA DE LISBOA.

EM LISBOA, NA BIBLIOTECA MUSEU DE COIMBRA, DE 1808.

João Baptista de Sousa Martins.

COIMBRA:

Impressão de M. V. de S.

1808.



# ELOGIO HISTORICO

DO

SOCIO DO INSTITUTO, E DA ACADEMIA DRAMATICA DE COIMBRA,

Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel,

REGTADO

NA SESSÃO SOLEMNE DE 11 DE MARÇO DE 1852.

PELO SOCIO, E PRESIDENTE HONORARIO DO INSTITUTO,

Jose Freire de Serpa Pimentel.

---

Nunca, Senhores, obrigação litteraria brotou tão espontanea do meu coração, e da minha vontade, como a de erguer a voz n'este augusto recinto, em prol da memoria triste do amigo, que vi sentar-se e caminhar ao meu lado na descuidosa, ligeira viagem da mocidade, companheiro nos bancos do estudo, socio nas lides litterarias, colega em o nosso theatro, academico, parceiro nos saráos, e nos prazeres, confidente nos mais doces arcanos do peito, irmão nos vagos desejos, nos pensamentos vaporosos da mais ardente juventude, e sempre leal, e sempre verdadeiro, e sempre affectuosissimo amigo: — que se fosse premio este de disputar-se e ganhar-se na arêna dos combates, como nas cavalheirosas epochas d'outr'ora, a nenhum campeão, por mais esforçado, cedêra eu esta doce gloria; como não cedo a amigos, a parentes, a irmãos, a de mais sincero tributo de lagrimas, de mais pungente homenagem de recordações e de saudades.

Mas nunca tambem, Senhores, obrigação litteraria pesou tanto na consciencia das minhas foras, no conhecimento das convicções alheias. Eu ténho a falar-vos n'aquillo, a que não chegam as mais genuinas, apuradas palavras da language humana. Este funebre elogio versa sobre a vida intima de um coração, e não sobre o viver externo d'um homem. Os poucos feitos, que transluzem para o mundo, d'esta existencia recolhida e misteriosa, são raros meteoros d'uma luz desconhecida, que não bastam para que a natureza d'essa luz possa ser definida e avaliada. Quantas vezes esses raros meteoros enganam e quebram a analyse fria e impotente da critica humana! Que de vezes essa critica se arroja a prescrutar levanamente o que está acima do seu alcance, coada pelo prisma enganador dos preconceitos sociaes, pela fragil, baça lente das leis e costumes mundanos! Que sonda

por mais funda poude penetrar ainda o pelago dos pensamentos, e das paixões do homem! Que dictionario, que lingua nos revelou jamais os seus arcanos!

O Sr. Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel viven uma d'estas vidas: pensamentos e desejos, — paixões e desesperanças; — depois a morte. Vidas d'estas sentem-se e comprehendem-se; mas não se escrevem, nem se falam. . . Como heide eu falá-la, e escrevê-la, Senhores!?

Eu quizera findar aqui o meu discurso. Quisera passar por cima d'esse tremendo, fatal acontecimento, que pôs termo á vida miseranda do nosso Socio, e não levantar a ponta mais negra e sanguinolenta do seu sudario de morte. Os homens, que tem coração, e que sentem, ja me terão comprehendido: para os outros inuteis serão as minhas palavras. Nesta escolhida assembleia porem uma fé intima e viva alenta a minha corage. Quem ha ali sentado n'essas espaldas de dó, coberto com essas vestes de lucto, o alistado nas bandeiras respeitaveis d'esta litteraria associação, que não tenha uma alma indulgente, generosa, e franca, livre de errados prejuizos, e que não confesse, que ao passar pela quadra tempestuosa a que chamiam mocidade, não pensou e sentio, uma hora sequer, como sentio e pensou o infelis finado poucas horas antes do seu fatal passamento? Quem ha ali, que n'alguns bellos dias de sua mais ditosa juventude não sentisse trepar-lhe á mente um vago scismar indifinido, uma crença de perfectibilidade incompativel com o mundo, um elusorio, irrealisavel desejo quasi celeste? E quem, ao ver desfazer-se este sonho contra as austeras realidades da terra, não sentio tambem quasi morta a sua corage contra o fantasma do desespero? — Quem ha ali. Senhores, que não se mergulhasse n'esse mar insondavel do coração, que apelidam amor? Quem ha, que não visse contrariadas uma vêz pelo positivismo da vida as suas mais doces, amorosas esperanças? e que não sentisse n'esse instante ferver o sangue nas veias, a febre escaldar-lhe a fronte, estalar o coração dentro do peito, turvar-se-lhe a mente desvairada, e abrir-se n'um lanapejo, debaixo de seus pés, a profundidade do abysmo? . .

Ora pois, Senhores, reflui aos peitos generosos e francos de irmãos o vosso pensamento. É ali que hão de encontrar echo as minhas palavras. É lá que está gravado o verdadeiro elogio do meu amigo. Sois vós Senhores; somos nós todos, que havemos de regar com o mais puro holocausto de lagrimas a relva do seu tumulo.

---

O Sr. Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel nasceu na Villa de Moncorvo, na provincia de Tras-los-montes, aos 23 de Abril de 1811. Foi oriundo de uma illustre familia, que na mesma villa vivera sempre honesta e abastadamente, assaz conhecida nos primeiros tempos da nossa regeneração politica pelo nome celebre do General Claudino, thio do finado; que se distinguio na epocha da ultima Regencia, por sua bravura e serviços militares, e que morreu poucos annos depois, victima infelis da persiguição, que as suas opiniões liberaes lhe accarretaram. Foram pais do meu defunto amigo os Srs. Luiz Claudio de Oliveira Pimentel, e sua primeira molher, D. Angelica Thereza de Sousa Pimentel Machado, distinctos e honestos proprietarios,

que se esmeraram em dar a seus numerosos filhos escolhida educação scientifica e litteraria, mandando-os cursar, a tamanha distancia do solo natal, diversos estudos e faculdades na Universidade de Coimbra; e legando-lhes por este modo um patrimonio, condigno do cidadão benemerito, posto que mediano em bens da fortuna, rico todavia em cabedal de illustração, e habilitações civis e militares, para bem servir a patria. Um dos mais velhos, o Sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, formado em Mathematica, tornou-se depois celebre pelos seus talentos e instrucção, e é hoje um dos mais bellos ornamentos da Eschola Politechnica de Lisboa, alma dos mais notaveis estabelecimentos fabris da côrte, e primeiro chimico de Portugal. O Sr. Jorge Arthur d'Oliveira Pimentel, cuja desastrosa perda hoje vimos prantear, foi o mais novo de seus irmãos, e dedicou-se á sciencia do Direito, em cuja faculdade se formou no anno de 1841.

A sua alma porem não era propria para os áridos estudos da Jurisprudencia; menos ainda para a sua positiva applicação. Elle abraçou esta faculdade mais por obediencia aos seus superiores, do que por vocação do espirito; e nunca depois se aproveitou dos graus de sua habilitação, nem para seguir a advocacia, cujo mister repugnava com sua imaginação, e com seu genio; nem para seguir os logares de letras, do que o seu pensar politico, em desarmonia com as opiniões do governo dominante, o afastava de continuo.

Nos primeiros annos de sua mocidade, e de seus estudos, patenteou uma decidida inclinação para a poesia, e para o theatro. Espalhadas por esses periodicos da epocha, em alguns mesmo d'este Instituto, restam varias de suas ligeiras, improvisadas producções. O seu nome figurou mais que uma vez entre os actores do nosso theatro. Varias traducções suas, como a de Catherina Howard e Cigana, foram aprovadas no nosso antigo Conservatorio, e levadas á scena; hem como mereceu as honras da representação uma sua tentativa original, de cuja execução me recordeo com profunda saudade. Foi em seus ensaios que mais se estreitaram as nossas relações de amizade; foi então que elle pela vez primeira se encostou ao meu hombro, e nos dêmos as mãos, para afrontarmos ambos, em tambem novel auctor, o mar tempestuoso, para nós desconhecido, das baixas intrigas e rivalidades mundanas.

Elle leu com avidéz os primeiros partos da exagarada eschola romantica de França, que vieram surprehender-lhe a imaginação, e senhorear-lhe a vontade, n'aquella perigosa epocha da mocidade, em que mais profundamente as impressões da leitura, e da educação se arreigam no espirito. Quantas vezes fui eu surprehendel-o a deshoras, em sua camara, hirtos os cabelos, e palida a fronte, e lhe arranquei das mãos tremulas, já a terrivel Notre-Dame de Victor Hugo, já a fatal Torre de Nesle de Dumas, já as mil versões exageradas de Shakespear, e Schiller; e o trouxe a seu despeito, inda impressionado e distrahido, para o salão do baile, ou para os bastidores do theatro! em cuja mocidade mais vigorosa e adiantada havia tido força para resistir a essas impressões arreatadoras da imaginação, ante as quaes se verga ás vezes impotente a vontade do homem. — como hem impotente se vergou logo ao desabrochar da juventude o meu infeliz amigo, com coração e sympathia, alma e vontade, sem que jamais de tal servidão pudesse emancipar-se até o desastroso instante do seu horrivel passamento! Quantas vezes

pelas veigas aprasiveis da risonha Coimbra, ou á sombra dos salgueiros, nas bellas margens do patrio Mondego, ou no triste val das oliveiras, a que tão justo quadra o nome de Saudade, fui eu encontrá-lo passeando triste e solitario, entregue ás suas vagas e melancolicas meditações, e absorto n'aquelle scismar perigoso dos verdes annos, que é o caminho mais curto das grandes paixões, o precursor do mais perigoso abyssmo! Quantas vezes os cuidados de seus irmãos e de seus amigos lhe fizeram malograr alguns d'esses projectos desastrosos, que a imaginação ardente de um mancebo concebe e executa, sem dar cabimento á razão para modificá-os! Quantas vezes, alta noite, deixavamos nós ambos o bolicio brilhante das festas, e vagavamos sosinhos pelo braço um do outro, ao clarão melancolico da lua, na vasta explanada deserta do Jardim Botânico, confidentes e quasi irmãos; e as minhas palavras consoladoras de amigo lhe applicavam ao peito angustiado de amor, ás vezes alquebrado por um desespero, o balsamo da consoladora persuasão, da franquesa e da expansão ao menos!—E que vezes, Senhores, depois da sua morte, tenho pensado n'esses provecos instantes da juventude, em que as minhas humildes reflexões poderam salvá-lo de alguns precipicios, e tenho lamentado e carpido, que a providencia me collocasse tão longe do amigo n'esse dia fatal da sua morte, em que duas palavras, talvez, salidas de um coração amigo e confidente, poderiam fazer recuar no horizonte da vida a estrela fatidica do seu infortunio!

Perdoai, Senhores, se a cada passo eu antecipo o funebre desenlace do meu discurso. Perdoai, se a cada trecho da breve historia de sua curta vida eu enlaço tambem uma recordação do meu passado, uma saudade de meus verdes annos. Mas que hei de fazer, se o terrivel clarão de sua agonia afogueia todo o quadro! Que hei de fazer, se é uma vida intima o que eu descrevo!—E como descrevê-la, se toda inteira ella não houvesse sido vasada no meu coração, nas diversas epochas da minha existencia!

---

Duas palavras sobre a outra face da sua alma, os seus sentimentos morais e politicos, como portuguez, e como homem.

Seja-me dado trazer para aqui um formoso texto do velho Horacio, já trasido para epigrafe de outra minha producção:

Cui dabit partis scelus expiandi  
Jupiter? tandem venias, precamur,  
Nube caudentis, humeros amictus,

Angur Apolo:

E com effeito, que alma verdadeiramente querida das Musas, e dada ás bellas letras, poude jamais deixar de ser propensa áquella mansidão e doçura, áquella como que desleixada bondade, que é quasi sempre o apanagio do homem illustrado!

O Sr. Jorge Arthur possuia em alto quilate aquellas excellentes qualidades. Affavel e polido, eram as musas e letras o seu alimento, a boa sociedade o seu recreio. Abominava a intriga e a lisonja, e era absolutamente estranho ao terrivel sentimento do odio. Contava numerosos amigos, e nunca lhe conheci um inimigo. Aborrecia o tracto com a gente grosseira e ignorante: por isso forcejou sempre por viver nas grandes cidades; depois

de formado passou quasi todos os poucos annos de sua vida no Porto, ou em Lisboa. Nunca tractou do seu estabelecimento social, nem se aproveitou das vantagens, que podia tirar dos seus estudos, posição, e amigos.

Uma especie de desleixado estoicismo dominava o seu espirito, ao passo porem que folgava de viver na grande roda, a que chamam o bom tom das cidades, e que todos os seus habitos e maneiras revelavam o homem delicado e opulento. Diria quem lhe não entrasse nos arcanos do coração que, se elle nascesse no seio da mais abastada, e sumptuosa aristocracia, fôra o mais feliz dos homens. Quanto o seu exterior euganava n'este ponto! e quão differente, quão outra era a felicidade, quasi irrealisavel, que elle ambicionava!

O Sr. Jorge Arthur entrou na vida social, na epocha, em que se agitavam na patria as mais importantes paixões politicas, em que mais encarnicados se debatiam, ja nos campos de batalha, ja na lide da imprensa, os partidos e facções. E, ou porque as reminiscencias de uma infancia embalada ao som dos flagícios da persiguição, lhe inspirasse no peito o amor da liberdade; — ou antes porque taes sentimentos quasi podem dizer-se innatos nas almas vivas, nas imaginações ardentes e poeticas dos mancebos d'este seculo, — o Sr. Jorge não deslison das crenças politicas de seus maiores, dos sentimentos de seus contemporaneos, — e abraçou o liberalismo. Não o liberalismo trabalhado na bigorna dos systemas, combinado com as velhas crenças dos povos, temperado pelas circumstancias, e pelos habitos, e desbotado ao sol dos calculos e dos interesses; — mas o liberalismo puro, extrenuo, franco, incommensuravel, como o de Roma, e de Sparta, de Socrates, e de Gracho, de Catão, e de Wazington; não o liberalismo applicado á sociedade humana com sua depravação e com seus vícios; mas o liberalismo do homem verdadeiramente homem, na austeridade de sua virtude, na elevação de sua esphera.

Mas este extremo de sentimentos politicos, em que elle se collocára, nada tinha de commum com o partidario, com o faccioso, com o intolerante. Elle encostava-se, no meio dos partidos, que se agitavam em Portugal, áquelle, que com o epiteto de progressista, mais se aproximava ás suas ideias de liberdade, ou antes melhor degraó lhe parecia para o caminho difficil da regeneração humana: encostava-se porem, sem fé nos principios, sem confiança nos homens, e sempre com os olhos n'um futuro melhor, talvez impossivel; — e estendia ao mesmo tempo, sem rancor e sem despeito, a mão indulgente e leal, já para o mancebo alistado nas bandeiras do mais cauteloso, moderado liberalismo; já para o moço, que imbuído nas recordações saudosas de seus pais, curvara a frente e o pensamento á ideia do absolutismo puro.

Em harmonia com estes seus principios, foi um dos primeiros a alistar-se no batalhão academico, organizado em Coimbra, em 1837, e a militar dez annos mais tarde, sob as bandeiras da Junta do Porto. Eu o encontrei, Senhores, nos primeiros dias d'essa revolução recente, no meio do tumulto e da exaltação d'aquelle movimento, passando sosinho e distrahido, á beira do Douro, e como deslebrado de que á esquerda lhe pendia e rojava na terra a espada dos combates. Nós nos abraçámos, e passeámos largo espaço, tranquilos, e como ignaros d'aquelle tumultuar, que nos rodeava; e de sua bocca passaram para os meus ouvidos as palavras mais francas, e ingenuas, de pla-

cidéz, e de tolerancia. Elle falava com a maior imparcialidade nos erros e defeitos dos homens, a quem, por tranzição, se ligara. Elle desprezava, e quasi escarnecia o presente; mas tinha toda a sua confiança, toda a sua crensa no futuro, que anhelava, talvez pela corada lente do seu desejo, radioso de liberdade, e de gloria.

Um anno mais tarde, quasi no mesmo dia, e á mesma hora, deparei eu com elle no mesmo sitio, e juntos passámos tambem largo espaço, á beira do Douro, em frente do Oceano. Quão outro era então o meu amigo! Já ao lado lhe não pendia a insignia da guerra; e, como ao arruido das sedições havia succedido em torno de nós a bonança de uma páz, sem prosperidade, — tambem aos seus desejos ardentes, á sua fé no futuro, havia succedido a languidez do desengano, a palida arrefecida quietação da desesperança.

Era uma tarde de outono; o ceo estava azul e sereno; serenas e azues as agoas do Douro e do Athlantico se casavam na tranquila barra sem um murmúrio; pelas arvores gigantes da margem nem uma aragse balouçava nas folhas; e os raios extremos do sol, traçavam uma faixa de luz por cima das agoas, desde os nossos pés até as raias do occidente. Foi n'este bello, bonançoso instante, gravado com indeleveis cores de saudade na minha memoria, que encontrei, que abracei pela ultima vèz o meu amigo. Poucas horas mais tarde o furacão, e a tempestade do inverno, encrespon essas oudas, toldou de nuvens esse ceo, seccion e varreu essas folhas, e açoutou esses caes e essas plagas com a furia do vendaval e das procelas. Ai! poucos dias depois tambem o coração do meu infeliz amigo era varrido e açoutado pelo temeroso escarceo da paixão mais violenta, e tempestuosa.

---

Eis-me chegado, Senhores, ao ponto mais difficil e delicado do meu discurso. Não que eu queira historiar-vos uma paixão: paixões d'estas, já vo-lo disse, sentem-se, e não se descrevem. Mas os acontecimentos rapidos e dolorosos, em que dolorosa e rapidamente vou tocar, passáram-se a curto espaço no meio de nós; e eu tremo de ferir melindrosas susceptibilidades, de avivar as cinzas mal apagadas de uma saudosa, inda palpitante reminiscencia. Cumpre-me, demais, justificar um acontecimento, cujo exterior aparato escandelisa algumas mais timidias consciencias; e não me sinto com forças para tanto, receoso, como estou, de tropeçar a cada palavra no excesso de minha amisade; e de minha dor. Eu serei portanto breve, Senhores; mas a verdade, heide dizêl-a: ella não pode offender ninguem, e hade sanctificar a memoria do nosso Socio.

O Sr. Jorge Arthur atingira aquelle quadra mean da vida, os trinta annos de idade, em que as flores da imaginação e da esperanza começam a desfolhar-se. O Sr. Jorge parara na carreira ardente do sua juventude, levára a mão á sua corôa de mancebo, e vieram-lhe n'ella ressequidas e desbotadas as rosas, e as boninas. E na verdade elle amára muito a sua patria; e não tivera premio algum do seu amor, nem o de vêl-a feliz. Amára muito a liberdade; e a liberdade pura e verdadeira estava longe do seu paiz, longe dos homens, e do mundo. Amára muito os prazeres, as festas, as da-

mas, a sociedade; e não encontrara em tudo isto senão dissabores e desganhos.

Elle carecia de uma consolação íntima, e quasi celeste, que lhe animasse o amortecido sôpro da existencia.—Encontrou-a.

Quem senão a imagem dos Anjos sobre a terra pode confortar-nos e consolar-nos das tribulações da vida! Quem senão a mulher! — E o Sr. Jorge amou essa mulher typo, essa meiga realidade de seus sonhos, essa donzela candida, formosa, esbelta,—alva e pura como a flor do jasmim, como elle rescedente do aroma—da educação e da virtude,—ornato como elle dos jardins e das festas; — amou-a com toda a expansão de sua alma, com os affectos reunidos de toda a sua mocidade, com as esperanças e desejos de toda a sua vida, e com o apaixonado e poetico arrojo de Petrarca, de Camões, de Tasso. Amou-a; e seu amor correspondido, e puro encontrou echo no coração d'essa dama. Amou-a; e entregou-lhe toda a sua alma, todo o seu pensamento, todo o seu futuro, todas as suas esperanças. Amou-a; e respeitosa e ajoelhado a seus pés, esqueceu-se do positivismo do mundo, e uma vez ao menos acreditou na realidade de suas esperanças; — e foi feliz.

Mas quão depressa veio arrancar-o de seu sonho de delicias a austera realidade da vida social! Este amor brotara e crescera livre n'aquelles dons corações no meio dos sarãos e dos praseres, acobertado com as apparencias do ôcco e estúpido galanteio vulgar. Como tal atravessou impune todos os reparos da sociedade, onde fingir o amor é moda e quasi virtude, tê-lo e senti-lo é as mais das vezes um delicto. Mas chegado ao ponto, em que os corações se correspondem e entendem, indispensavel era uma solução em harmonia com as leis da sociedade. O sr. Jorge era, como a dama dos seus pensamentos, bom filho e bom christão; propoz-lhe os laços do hymeneu, e implorou a licença de seus pais. Misero moço que não via que neste estado, a que chamam civilização, amar e ser amado é o que menos se leva em conta para as ligações officiaes de quem deve amar-se toda a vida! Infeliz mancebo, que não ponde fazer comprehender a seu desventurado pai, que tal amor não era um affecto vulgar, mas uma paixão extrema, e incuravel! Virtuoso e honrado homem, que não teve o culpado arrôjo de arrebatar ás leis da decencia e da ordem social o objecto de sua paixão; o que preferiu antes esgotar todos os meios licitos de obtel-o e gosal-o christanamente, e secumbir alquebrado pelo martyrio debaixo de seus honestos esforços!

A boa donzola tinha cabedal de belleza, educação, e virtudes; mas não basta este patrimonio para o estabelecimento de uma dama bem nascida. O pobre mancebo tinha muita dedicação e muito amor; mas sem o consentimento e soccorro de seu pai, não tinha os sufficientes meios de fortuna para fazer vida e sociedade com o objecto de seu acrisolado desejo. Passa-se o tempo em negociações, e projectos inuteis, em baldados meios de vencer a obstinação de um pai velho e auzonte, que daria o sangue das veias por salvar a vida do filho, mas que não pode crer em paixão tão ardente, tão extrenua.

Foi então que uma triste, pesada melancolia começou a apossar-se do apaixonado mancebo. Passou elle n'essa epoca a frequentar menos as festas, a fugir da sociedade dos amigos, a vagar solitario e meditabundo nos sitios mais hermos das visinhanças do Porto. Era a desesperação com todos os seus horrores, que lhe entrava n'alma; era o tedio da vida que se lhe insinuava no

desejo alquebrado; era o spectro tremendo, descarnado, pavoroso, sanguinolento do suicidio, que lhe apertava as entranhas, lhe espesinhava o pensamento.

Não esperéis, Senhores, ouvir da minha bocca a repetição banal das safadas disputas escolasticas sobre este objecto, e das sabidas e argomentadas cartas do celebre João Jacques; menos ainda o panegirico de um factó, que a boa rasão, e a lei divina apelidam criminoso. Mas qual é o homem perfeito n'este mundo? Onde está o ente impecavel, que ouze arremeçar a pedra da Escriptura? E que delicto ha ali entre os homens, a que as circumstancias não possam atenuar, quasi dirimir a gravidade?—Seha tamanha distancia entre o salteador, que rouba para sevar a sede d'ouro, e o miseravel, que se apodera d'um pedaço alheio de pão para matar a fome a seus filhos expirantes, como não havemos de admittir igual distiacção no suicidio, que não é um delicto d'homem para homem, mas do homem para Deus, (para Deus, que só sabe e lê as nossas intenções e consciencias;) que não é um delicto filho da depravação moral, mas quasi sempre da alienação ou do desespero; que é um delicto emfim, que reclama toda a indulgencia do ceo, porque apoz si não deixa espaço para ganhál-a com o arrependimento, e com a penitencia!

O Sr. Jorge Arthur preparou-se para o suicidio, com a apparencia da maior tranquillidade. Escreveu diversas cartas de saudosa despedida a seus amigos, a seus irmãos, a seu pai; dispoz das prendas e livros, propriedade sua, deixando tudo em diversos pacotes fechados e sobrescriptados; e tomou as providencias necessarias, para que estas cartas e objectos não pudessem chegar ao seu destino, senão depois do instante fatal da sua morte.

Todos estes preparativos porem não eram certamente o resultado da tenção firme e inabalavel do suicidio. Estas providencias, ouzo afirmál-o, não passavam de um desafogo da paixão, de uma consequencia d'aquelle leite de romanticos e exagerados pensamentos, com que na infancia fôra alimentado. Uma peripecia fatal fez realisar estes vagos projectos. Uma ordem terminante o mandava recolher ao solo nathal, e lhe suspendia os meios de subsistencia, com que vivia no Porto. Esta ordem foi um raio mortifero, que veio matar todas as suas mal apagadas esperanças, e fulminar no ultimo abysmo do desespero a sua alma espesinhada e melancolica. Nem forças teve para lutar; curvou a cabeça ao infortunio, e entregou-se nos braços do seu projecto.

Estamos chegados ao triste dia 7 de Janeiro de 1849. Os trances, que se passaram n'aquella alma, na terrivel noute, que o precedêra, não são do dominio do meu discurso: foi um misterio, que se passou entre elle e o Creador; não é para os homens sondal-o. O que sabemos é que um mancebo pallido espantado e abatido sahia ás 10 horas da manhan de sua casa, procurava encontrar-se com os seus numerosos amigos, apertava-lhes fortemente a mão, deixando-os admirados e absortos, corria as casas de algumas familias de maior amisade, deixando-lhes á sahida insolitas e vagas palavras de misteriosa despedida; e terminava á noute as suas largas digressões, entrando n'uma Assembleia de recreio, que frequentava habitualmente, sentando-se tristemente n'uma cadeira, sem tomar parte, como costumava, na conversação, e no jogo, respondendo com monoscilabos e apertos de mãos

às repetidas perguntas de seus amigos, e desaparecendo subita e disfarçada-mente do meio dos salões iluminados.

Celebrava-se essa noite um anniversario de familia com nma partida de recreio e musica. A bella dama dos seus pensamentos fôra para esta partida convidada. O pobre mancebo recusara um convite, que se lhe offerecera para a funcção. A's 9 horas da noite porem foi visto subir com passo vagaroso e tremulo as escadas do portal, enchugar com um lenço o suor da frente, e encostar-se á porta mal cerrada do salão. A ponte chegava, quando no piano começavam a executar-se os preludios de um acompanhamento; e uma dama formosa e gentil, posto que triste e abatida, se levantava de sua cadeira, se encaminhava para o instrumento sonoro, e se dispunha a cantar uma aria.

Era ella.

O meu infelis amigo, encostado aos umbrais d'essa porta bebia sôfrego as maviosas exalações d'aquella voz angelica, e suave, que se lhe insinuava por todas as fibras do coração..... Que pôde mais a minha voz arrefecida dizer e descrever d'este instante ardente e solemníssimo!.. Oh! aquella voz eram as preces d'um Anjo, que embalavam, e encomendavam a Deus a alma do mancebo na hora da agonía. E não é isto uma figura de eloquencia, Senhores: é uma realidade, que eu acredito, que todos os corações sensiveis hão de acreditar. O sr. Jorge não foi matar-se na ponte pensil do Porto. O sr. Jorge morreu allí, encostado áquella porta, aos ultimos sons d'aquella garganta fatidica. Embora o seu corpo ficasse cá na terra para arrojarse com passo mal seguro para as margens do Douro; a sua alma elevou-se ao ceo enrolada aos derradeiros accents d'aquella voz encantadora e divinal.

Passados poucas instantes a sentinela da ponte pensil via entrar por ella da banda da cidade um homem, envolto n'um albernoz, caminhando com passo desigual, e como que distraído. O vulto parára no meio da ponte; debruçara-se d'um e outro lado, como que a medir a profundidade da distancia, que o separava das agoas; atravessára com o mesmo andar incerto para o-cães de Villa Nova; passara por elle curtos instantes, levantando os olhos para a cidade, que soberba e gigante se encosta desde as aguas até ás cumiadas dos fronteiros montes; e voltára vagarosamente para a ponte, onde continuara a debruçar-se. Até que a sentinela desconfiando das maneiras insolitas e equivocadas d'aquelle homem, gritou ás armas, e correu sobre elle. O official da ronda, que do outro lado da ponte assomara n'esse instante, deu de esporas ao cavallo, e despedio tambem contra o vulto negro. Era já tarde. O homem misterioso houvera subitamente desaparecido de cima da ponte. E logo foi sentido distinctamente pelo official e pelo soldado um grito agudíssimo, profundo, doloroso, como exalado do mais intimo das entranhas, — e um rapido instante depois o estrondo melancolico e lugubre de um corpo pesado, que batera na superficie das agoas, e se afundara no abismo. Este estrondo marcava a eterna desapareição do meu amigo de cima da terra. Aquelle grito era um resto de sua alma triste, que lhe ficara aninhado no seio até aquelle instante solemne, para exalar-se n'uma prece constricta e sacrosanta de arrependimento. Era o novo pacto de aliança entre Deus e o mancebo moribundo, rôta momentaneamente pela consumação de tal atentado. Era um raio da providencia divina, que alumiaava a mente da victima na hora da ago-

nia. Era o mais sublime sacramento da Religião, que levava aquella alma aos pés do Omnipotente nos braços da penitencia.

Em breve tempo uma carta do infeliz finado chegava ao salão harmonioso, e era entregue a um seu intimo amigo. A noticia do terrivel projecto espalhava-se pelos circunstantes, e chegava aos ouvidos da formosa donzela. E amigos e emisarios corriam a diversos pontos da cidade para obstar ao horrivel desastre.

Correram debalde.

As deligencias que se fizeram, para encontrar o cadaver, tambem foram baldadas, até que as ondas o arrojaram dias depois perto de Miragaia, não longe do sitio, onde juntos houveramos tido a ultima triste conversação. Elle foi reconhecido pelo rosto já desfigurado, e pelos trages. Os seus amigos o conduziram a uma Igreja, para d'ahi ser guardado em um elegante mansoem que depois lhe erigiram no Prado do repouso. Encontraram-se-lhe sobre o coração, cuidadosamente guardadas, uma prenda bordada pelas mãos da formosa dama, e uma trança de seus cabellos. Elle quiz que ficassem unidos ao seu cadaver cá na terra os vestigios de uma paixão, que enlaçada com sua alma ousou levar á eternidade.

E na eternidade hade elle encontrar-se um dia com esse objecto idolatrado de seus pensamentos, de sua paixão, de sua agonia, que cá lhe ficou sobre a terra. Oh! seja-me dado imaginar, se a fantezia pode subir tão alto, que este encontro hade ser uma felicidade. Mas triste de quem morre, que, por mais brado que haja dado o seu nome, é bem difficil de guardar a sua memoria do furacão do tempo e do olvido! . . . . .

Ora pois, Senhores, choremos sobre as cinzas do amigo: são as cinzas de um martir, d'um martir intrepido. Se elle teve a fraquesa de conceber a edeia do suicidio, teve a coragem de executa'l-a. Se teve o arrojo de lançar mão da vida, que só a Deus pertencia, teve a virtude christan de arrepender-se. Ai! d'elle, que morreu martir das leis e preconceitos da nossa organização social. E ai! de nós todos, que vogamos pelo mesmo pego, no baixel da mesma imperfeita civilização, e que tambem amanhã podemos ver quebradas, e traufragas as nossas mais viçosas esperanças contra o rochedo da realidade, contra o parcel da desesperação.